

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO**

**Paracy Corrêa Neves**

**A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE QUIRINÓPOLIS: UMA  
POSSIBILIDADE HISTÓRICA DE 1832 a 2010**

**GOIÂNIA, JANEIRO DE 2012**

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO**

**Paracy Corrêa Neves**

**A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE QUIRINÓPOLIS: UMA  
POSSIBILIDADE HISTÓRICA DE 1832 a 2010**

Dissertação apresentada para o programa de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), como requisito para o grau de mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge.

**Linha de pesquisa: poder e representações.**

**GOIÂNIA, JANEIRO DE 2011**

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**PARACY CORRÊA NEVES**

**A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE QUIRINÓPOLIS: UMA  
POSSIBILIDADE HISTÓRICA DE 1832 a 2010**

Dissertação submetida à comissão examinadora designada para avaliação como requisito para obtenção do grau de mestre em História.

**AVALIADORES**

---

Dr. LUIZ EDUARDO JORGE  
(PUC-GO)  
ORIENTADOR:

---

Dr<sup>a</sup>. Heloisa Selma Fernandes Capel  
EXAMINADOR

---

Dr<sup>a</sup>. Elianda F. Arantes Tiballi  
  
EXAMINADOR

**GOIÂNIA, JANEIRO DE 2012**

A todas as pessoas que se interessam pela História, sobretudo aqueles que acreditam que entender o processo é manter permanentemente as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa Noêmia Alves Ferreira Neves que me apoiou e substituiu nas minhas ausências na Água & Cia e aos colegas de Mestrado: Mauro Guimarães de Oliveira Júnior; Wanderléia Silva Nogueira e Flávia Rosa de Moraes Silva.

Enfim, a todos que me incentivaram e ajudaram direta ou indiretamente para a realização desta dissertação.

## RESUMO

Esta é uma dissertação de mestrado intitulado A formação do espaço urbano de Quirinópolis: uma possibilidade histórica de 1832 a 2010, apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Pontífice Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Trata-se de uma pesquisa sobre a História de Goiás que propõe reconhecer a ocupação do sertão que era o Sudoeste Goiano, tendo como objeto de investigação a cidade de Quirinópolis. Sendo assim, destaca a importância do desenvolvimento da cidade por meios de comunicação e transportes e a influência do mercado gerador de riquezas e preservação dos valores culturais. Metodologicamente, optou-se por uma dissertação de análise teórica baseada em pesquisa bibliográfica e documental. Enfim, os resultados obtidos confirmam nossa hipótese constata que a transformação do espaço físico e o consumo entre o período de 1832 e 2010 mostrou a conexão de Goiás com o sudeste brasileiro, além de comprovar que no sudoeste goiano a ocupação foi financiada pelas grandes propriedades rurais. Lembrando ainda que a fundação desse povoado assegurou o poder político das famílias tradicionais que exerciam os domínios em suas grandes propriedades rurais estabelecidas na região desde 1832.

Palavras-chave: História, espaço urbano e Quirinópolis.

## **ABSTRACT**

This is a master's dissertation titled of The urban space formation in Quirinópolis: a historical possibility from 1832 to 2010, presented to Postgraduate History Course in Pontifical Catholic University of Goiás, often abbreviated as PUC-GO. This is a research about Goiás history which has the purpose of recognizing the interior occupation that was the Goiano Southwest, with the object of investigation the city of Quirinópolis. Thus, it should be highlighted the importance of city development through means of communication and transport and the influence of the wealth generation market and preservation of cultural values. Methodologically, a theoretical analysis dissertation based on bibliographical and documental research was chosen. Finally, these results confirm our hypothesis that the physical space changes and the consumption in the period between 1832 to 2010 showed the connection of Goiás and Brazilian southeast besides prove that Goiano southwest occupation was financed by large farms. The foundation of this settlement, remembering it, assured the political power of traditional families who had the power in their large farms that were established in the region since 1832.

Keywords: History, urban space and Quirinópolis.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01:	Preço dos animais e cereais em moedas do século XX e sua conversão em reais.....	38
TABELA 02:	Evolução das populações urbana e rural de Quirinópolis de 1940 a 2010.....	45
TABELA 03:	Evolução das populações urbana e rural de Quirinópolis.....	46
TABELA 04:	Total da população por sexo, urbana e rural.....	46
TABELA 05:	Total da população residente por religião.....	47
TABELA 06:	Principais produtos agrícola.....	89
TABELA 07:	Efetivo de animais.....	89
TABELA 08:	Produção de Leite por microrregião.....	90

## LISTA FIGURAS

FIGURA 01	Mapa do Município de Quirinópolis (Biomás).....	41
FIGURA 02	Localização de Quirinópolis.....	49
FIGURA 03	Mapa das microrregiões do município de Quirinópolis.....	73

## LISTA DE FOTOS

FOTO 01	Anúncio de vendas de lotes na nova futura Capital de Goiás.....	24
FOTO 02	Vista Panorâmica da Velha Matriz na década de 20.....	29
FOTO 03:	Coreto da Praça Coronel Jacinto Honório.....	52
FOTO 04:	Placa e cabos telefônicos alusivos à instalação de rede municipal de telefones em Quirinópolis.....	53
FOTO 05:	Desfile de cavaleiros na abertura da VII Festa do Peão Boiadeiro de Quirinópolis.....	69
FOTO 06:	Grupo organizado de peões.....	69
FOTO 07:	Crianças participam do desfile.....	70
FOTO 08:	Desfile com carros de bois e carroças.....	70



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 A EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS.....</b>	<b>14</b>
1.1 A origem do povoamento: uma associação histórica.....	20
1.2 A mudança e sua história.....	22
1.3 A cultura popular e sua história em Quirinópolis .....	35
<b>2 O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO.....</b>	<b>40</b>
2.1 Uma história feita de outras histórias.....	45
2.2 Os povos originários: suprimidos e esquecidos.....	47
2.3 O poder político das famílias tradicionais.....	49
2.4 O primeiro prefeito eleito.....	50
2.5 A história dos prefeitos eleitos.....	51
2.6 Os pioneiros.....	57
<b>3 A CONSOLIDAÇÃO DA ECONOMIA EM QUIRINÓPOLIS.....</b>	<b>60</b>
3.1 A história do sudoeste goiano.....	61
3.2 A ocupação do sudoeste goiano pela pecuária extensiva.....	63
3.3 Os modos de vida.....	66
3.4 Cultura e tradição do município de Quirinópolis.....	74
3.5 As conjunturas econômicas, as transformações no pastejo e o melhoramento dos rebanhos.....	77
3.6 Algumas considerações sobre Quirinópolis.....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

A motivação para a escolha do tema a evolução histórica do município de Quirinópolis gira em torno de reconhecer as perspectivas sociopolíticas locais para resignificar o presente por meio da semântica dos fundadores. Essa complexa relação de temporalidade socioespacial de Quirinópolis constitui-se em uma história territorial, pois, à sombra dessas formas, o espaço não pode ser compreendido sem uma investigação de sua origem e desenvolvimento e nem o território deve ser avistado despregado do histórico relacionamento entre a sociedade e esse mesmo espaço. Busca-se, então, pautar em uma discussão teórica sobre a história da região, sua organização espacial para compreender como este espaço foi se moldando ao longo do tempo, além de identificar quais forças socioeconômicas o moldaram. O pressuposto é que os valores não expressos nos documentos e bibliografia possam ser demonstrados por meio da análise e interpretação.

O objeto de investigação é a cidade de Quirinópolis com destaque para a importância do desenvolvimento da cidade por meios da comunicação, transportes e a influência do mercado gerador de riquezas e preservação dos valores culturais.

Para a compreensão contextual da cidade em questão fez-se necessário uma reflexão teórica a partir do estudo de documentos, colhidos com pessoas tradicionais do município e o livro de Tombo da prefeitura que possibilitaram o entendimento real de uma organização com detalhes em termos de procedimentos. Utilizam-se dados primários a partir de entrevista direta aos moradores de Quirinópolis. Também foram colhidos dados secundários por meio da utilização de fotografias que configuram a história no cotidiano e que permitem a percepção das relações econômicas, sociais e regionais. Cruzadas essas fontes com outras, relatos de viajantes e memorialistas, bem como com os dados existentes na bibliografia a respeito da região mencionada ao longo da dissertação é possível compreender a formação do espaço urbano de Quirinópolis.

O estudo e análise das fontes apontam os principais aspectos que caracterizavam a estrutura e composição socioeconômica que era assentada na posse da terra e do gado, os quais tiveram uma participação significativa. O gado era mercadoria comercializada e geradora de capitais aos criadores e negociantes, além de renda para os cofres públicos por meio dos impostos de exportação. Tornaram-se os principais elementos geradores de riquezas e capital, sendo elementos substanciais para a movimentação da produção e da atividade comercial em uma época em que a moeda era muito escassa e concentrada nas mãos de poucas pessoas.

Neste sentido a problemática consiste em compreender como a cidade de Quirinópolis foi criada? Qual a influência no sudoeste goiano? E como esta prática foi inserida nas relações econômicas? A hipótese constata que a transformação do espaço físico e o consumo entre o período de 1832 e 2010 mostrou a conexão de Goiás com o sudeste brasileiro, lembrando ainda que a fundação deste povoado assegurou o poder político das famílias tradicionais que exerciam os domínios em suas grandes propriedades rurais estabelecidas na região desde 1832.

O trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro “A evolução do Município de Quirinópolis”, o qual se propõe a abordar os mais variados aspectos da economia e da população goiana e destacar os fatores que incentivaram a migração para o sul de Goiás a partir das primeiras entradas que estavam relacionadas à exploração aurífera no século XVIII, com ênfase na compreensão dos fatores que foram determinantes para a intensificação dos fluxos migratórios, no século XIX, quando milhares de mineiros e paulistas se deslocaram e se fixaram na região ocupando e demarcando terras, sobretudo, por meio da posse – até então pouco exploradas - construindo sítios, fazendas e povoados a partir de atividades ligadas à agricultura de subsistência e pecuária em sua forma extensiva que utilizava basicamente de mão de obra familiar e poucos escravos. Tal fluxo, no transcorrer do século XIX, foi intensificado à medida que os meios de comunicação e transportes se desenvolveram integrando de forma mais sistemática Goiás à Região Sudeste.

Deste modo optou-se no segundo capítulo “A consolidação da economia em Quirinópolis” por destacar os problemas enfrentados pela sociedade goiana no século XIX, em especial o trabalho da terra a partir do estudo da história da agricultura e pecuária, bem como de uma análise comparativa e histórica dos preços

de mercadorias. Estuda-se, historicamente, os preços dos animais, desenvolvimento da pecuária e sua participação na riqueza levando em consideração a relação dos valores nominais com a conjuntura política e econômica brasileira, bem como as dificuldades técnicas de cultivo.

Apesar de todas as dificuldades a economia goiana conseguiu um relativo crescimento econômico no período e, ao final do século XIX e primeiros anos do século XX, além da pecuária, a agricultura já começava a despontar como atividade produtiva importante e com crescente participação no erário público.

No terceiro capítulo “Os grupos sociais que contribuíram para a formação do município de Quirinópolis” tem como cerne a análise do problema da escassez de moedas, de crédito e arrecadação dos governos provinciais e estaduais, o que acabava por limitar os investimentos do poder público em infraestrutura, inviabilizando políticas de incentivos ao desenvolvimento da “indústria agropastoril”, uma vez que a quase totalidade dos impostos arrecadados era procedente da agricultura e pecuária. Desta forma, neste capítulo pretende-se mostrar que os fatores de ordem econômica e política nacional – por exemplo, o desenvolvimento da economia cafeeira e a interiorização da estrada de ferro repercutiram positivamente para que ocorresse um relativo crescimento das atividades de crédito em Goiás durante o século XIX. Tais atividades foram determinantes para o desenvolvimento das atividades produtivas e crescimento da arrecadação provincial. Diante da escassez de moeda e de crédito alguns indivíduos que possuíam uma estrutura produtiva que transcendia as fronteiras da Província conseguiam acumular fortuna, terras, prestígio social e político diante de uma estrutura socioeconômica e cultural tipicamente agrária. Ao final, destaca-se ainda a importância que os tropeiros e principalmente os carros de bois tiveram no final do século XIX e primeiros anos do século XX; foram a alternativa mais viável e barata no transporte de mercadorias para os principais entroncamentos ferroviários localizados no Triângulo Mineiro.

Diante destas questões e a partir do cruzamento das informações presentes na documentação consultada pretendeu-se compreender além da estrutura o processo de formação e seus elementos constitutivos.

E assim foi possível perceber que Goiás seguiu seu ritmo e curso de acordo com as condições naturais, sociais e culturais disponíveis. Fazendo uma análise comparativa a partir dos resultados de trabalhos de pesquisa de outras

regiões, principalmente de Minas Gerais e São Paulo, Goiás apesar de possuir uma estrutura econômica predominantemente voltada para o abastecimento familiar e local e de todos os percalços que serão apresentados revelou dinamismo e crescimento e a fixação de uma imagem: a do vaqueiro e todo um mundo rural.

## 1 A EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS

O objetivo central deste capítulo é mostrar como se deu a evolução do Município de Quirinópolis, Estado de Goiás. O estudo compreende a maior parte do século XIX à primeira década do século XX, período em que houve fluxo significativo de população de outras partes do Brasil. Apesar da precariedade do meio, instalou-se na região uma estrutura produtiva voltada para o abastecimento local e também voltada para os mercados regionais. Desde sua origem teve uma capacidade organizacional bastante peculiar e ainda nasceu em um lugar e cresceu em outro.

Acreditou-se que o recorte temporal de 178 anos é importante, pois o povoado de capelinha é “*sui generes*” à maioria das cidades brasileiras, já que só nasce depois da construção da capela em patrimônio doado à Igreja Católica Apostólica Romana por José Ferreira de Jesus e sua esposa que, por efeito de escritura particular, doaram uma parte de suas terras contendo novecentos alqueires, cuja escritura está registrada no Registro Imobiliário da cidade de Rio Verde, sob o nº 201, em data de 28 de março de 1913, com o propósito de fundar um povoado na região que se tornaria o município de Quirinópolis. É preciso rememorar a história da ocupação e o progresso do Estado de Goiás para melhor entender a ocupação da região de Quirinópolis. A história de Goiás nos séculos XIX e XX é uma história de imigrações. Desde sua apropriação o território goiano sofre intenso processo de fragmentação espacial por meio da criação de municípios.

Em 1837 eram dezoito, em 1872 vinte e seis, cobrindo imenso território de maneira irregular. Toda secção Centro-Leste do Estado compreendia 20 (vinte) dos 26 (vinte e seis) municípios e toda secção Oeste, os restantes 6 (seis), desde a linha de Rio Verde até Tocantinópolis, passando por Goiás (CUNHA NETO, 1988, p. 25).

Fazendo-se exceção aos municípios do Sudoeste Goiano, em especial Quirinópolis.

A estruturação dos municípios através da constituição de patrimônios cívico-religiosos, a estratégia de localização das cidades e municípios de Goiás deve-se quase exclusivamente a três fatores:

1. Ocorrência de ouro aluvionar na escala entre 500 e 1500m, correspondendo a regiões geológicas onde evidenciam-se a presença de derrames aluvionares, como nos cortes hipsométricos do Planalto Central e da Serra Dourada.

2. Constituição de povoados ribeirinhos sobre as grandes vias de navegação (Araguaia-Tocantins). O povoamento ribeirinho possui uma mecânica de expansão naturalmente lenta abrangendo por longo tempo a fase de pesca e coleta, e posteriormente a fase de pastoreio e agricultura.
3. Iniciativas Governamentais e Religiosas (CUNHA NETO, 1988, p. 25-6).

Após essa fase existiu o povoamento pela formação de fazendas e consequente constituição de patrimônios urbanos nas regiões onde não ocorreu a mineração. Nesta região um significativo contingente migratório começa a fluir desde o princípio do século XIX, assim constituindo uma economia pecuária em rápida expansão.

O êxodo de geralistas<sup>1</sup> no sudoeste goiano data dos anos 1830, após o esgotamento de terras disponíveis no Triângulo Mineiro. Foi uma penetração rápida e profunda, indicando considerável contingente migratório, acampa em menos de 5 anos os extremos de Caiapônia, no Norte e de Jataí a Oeste (CUNHA NETO, 1988, p. 27).

É muito interessante observar o que Oscar Cunha Neto (1988, p. 27) afirma sobre a ocupação do Sudoeste Goiano.

Tomando os chapadões altos e fugindo aos grandes rios e as zonas de matas (o avanço seguiu as faixas de terras de campo e cerrado), pois a conquista do mato alto não só era supérflua para o pastoreio, como representava um investimento humano muito alto em relação ao valor da terra.

Infere-se, então, que os pioneiros na ocupação do sudoeste goiano preocuparam-se com a posse da terra, mas de uma terra propícia para a criação do gado e que exigisse uma menor quantidade de capital financeiro e trabalho para a sua ocupação.

Nesta perspectiva as inovações efetivadas pelo Império e pela Província de Goiás contribuíram para que a frente pioneira<sup>2</sup> explorasse a região, sendo o avanço

---

<sup>1</sup>Geralista era o nome que se dava ao habitante da província brasileira de Minas Gerais nos tempos coloniais e imperiais (do século XVIII ao XIX). Atualmente Minas Gerais é um estado da República Federativa do Brasil e seu habitante é chamado de mineiro.

<sup>2</sup>Frente pioneira era o deslocamento de várias pessoas para a ocupação de determinado espaço nacional, como por exemplo, a região Sudoeste de Goiás. A princípio, um grupo de pessoas iniciava a ocupação, vivendo primeiramente da pecuária extensiva e agricultura de subsistência. Isso atraía pessoas de vários locais do Brasil, transformando em pouco tempo terras ociosas em produtivas e povoadas. No final do século XIX e início do XX, ocorreram as frentes pioneiras de desbravamento e povoamento; foi nesse contexto que ocorreu a colonização do Sul de Goiás; portanto, como forma de

do capitalismo apenas uma consequência. A resolução de 17 de Julho de 1822 pôs fim ao sistema das sesmarias e estabeleceu a aquisição da propriedade pelo reconhecimento da posse. E pela Lei nº 11 de 5 de setembro de 1838<sup>3</sup>.

Também as políticas de colonização efetivadas pelo Governo não alcançaram sucesso já que as tentativas das colônias agrícolas não se efetivaram como se esperava.

José Rodrigues de Mendonça, o pioneiro de Rio Verde em 1812, residiu em Casa Branca, província e bispado de São Paulo. Em 1819, o sábio francês August de Saint Hilaire, em excursão pela província de São Paulo, assim se exprimiu sobre Casa Branca: 'Casa Branca – orago de N. S. das Dores – as casas que formam a grande Rua de Casa Branca, em número de 24, foram construídas por famílias de insulares açorianos, mandados vir para povoar esta localidade. O governo pagou o preço do transporte e deu-se a cada família, não somente uma casa, mas instrumentos oratórios e meia légua de terras cobertas de matas. Esses colonos desanimaram à vista das árvores enormes que era preciso derrubarem antes de poder plantar, 18 famílias fugiram, atravessando a província de Minas Gerais e foram lançar-se aos pés do rei, implorando que os tirasse de Casa Grande; deu-se-lhes outras terras para o lado de Santos e a povoação de Casa Branca ficou quase deserta' (CUNHA NETO, 1998, p. 28).

Em Goiás, o esgotamento da exploração do ouro e a lei de incentivo criada pelo governo provincial é um fator importante no povoamento da região:

Pela Lei de nº. 11, de 05 de setembro de 1838, o Governo provincial isentou, pelo espaço de 10 anos os habitantes que viessem estabelecer na região do Sudoeste de Goiaz, do pagamento de Dízimos de miúças e impostos da criação do Vacum e Cavalos (CUNHA NETO, 1993, p. 19).

O esgotamento do período de exploração do ouro, a ascensão dos pecuaristas e agricultores e a publicação da Lei nº 11 de 05/09/1838 motivaram os desbravadores a ocuparem as terras férteis, notadamente as que se localizavam na bacia do Rio Paranaíba, divisa com o estado de Minas Gerais, assim viabilizando a exploração agro-pastoril.

---

ocupação do território brasileiro, muito se deve à coragem de pessoas que desbravaram esse imenso território chamado Brasil.

<sup>3</sup> Ficavam isentos por espaço de dez anos de pagar Dízimos de Miúças de Gado Vacum e Cavalos os atuais habitantes entre o Rio Verde além do Turvo, bem como os que dentro do prazo de dez anos forem estabelecer-se por aquelas bandas



Os primeiros pioneiros já haviam chegado a Quirinópolis, quando da publicação da referida lei, mas atraídos pelas isenções que visavam ao desenvolvimento da Província outras famílias chegaram para a ocupação do sudoeste goiano.

Como na região não existia registro de ocorrência de minerais importantes os desbravadores desta região se motivaram pelos benefícios concedidos pela Lei e pelas terras férteis, notadamente as que se localizam na bacia do Rio Paranaíba, viabilizando a exploração agropastoril extensiva e de subsistência, criando, assim, bases para a implantação do município de Quirinópolis.

A origem propriamente dita do município data de antes de meados do século XIX, e se inicia com a entrada dos primeiros desbravadores:

Em 1832 João Crisóstomo de Oliveira partiu com sua família e grande número de escravos da Cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, com destino à região onde está o município de Quirinópolis (SILVA, 2005, p. 627).

João Crisóstomo passou pelo porto de Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara-Go), penetrando pelos sertões de Goiás atingindo as proximidades do Ribeirão Fortaleza, entre o Córrego Água Limpa e Rio São Francisco, tomando posse da vasta extensão de terras, na sub-região de Fortaleza, onde fixou residência, construindo grande fazenda,

Dado o seu temperamento, João Crisóstomo de Oliveira não admitia a entrada de mais ninguém na região. Pouco antes, depois de ter se estabelecido no local, João Crisóstomo expulsou a caravana do Padre Antonio Dias que fizera um acampamento nas proximidades de suas terras... Também o paulista Custódio Lemos e família pretendeu fixar residência na região e, depois de desentender-se com João Crisóstomo, acabou por ele sendo assassinado (SILVA, 2005, p. 627-8).

É contraditória essa afirmação de Silva, como muitas afirmativas de violência no sudoeste goiano feitas pelos viajantes em terras goianas, pois logo depois chegou para Goiás o paulista Custódio Lemos do Prado e montou um porto a jusante<sup>4</sup> no Rio Paranaíba.

---

<sup>4</sup>Jusante = em hidráulica, é todo ponto referencial ou seção de rio compreendido entre o observador e a foz de um curso d'água — ou seja, rio-abaixo em relação a este observador. Oriundo do latim *jusum*, é um substantivo feminino que também significa "para o lado da foz". Em francês a tradução

A historiografia goiana precisa passar por revisões a respeito do tema da violência. Isso se deu principalmente porque ao relatarem nos escritos de suas viagens muitos viajantes preocupados com o que e não com quem vivia aqui embora tenham contribuído para o nascimento da historiografia goiana. - Enfatizavam uma perspectiva depreciativa da província de Goyás, além disso, talvez pretensiosamente, por vezes deixaram de lado aspectos importantes das classes subalternas, principalmente a escrava que já articulava em muitas regiões da província a formação de quilombos.

A partir dos relatos de Saint-Hilaire, George Gardner, Luiz d'Alincourt, entre outros que passaram por aqui no século XIX, observa-se o preconceito em relação ao povo goiano.

Assim como índios e escravos as mulheres da região também por vezes foram citadas de forma depreciativa. Essa característica legou à história goiana uma série de mitos e distorções, além de interpretações equivocadas e tendenciosas.

Palavras como “decadência”, “indolência”, “inatividade”, “ócio” e “preguiça”, dentre muitas outras, revelando aspectos negativos da população goiana, não omitindo nem a de “cor branca” são facilmente detectáveis na obra de Johan Emanuel Pohl e George Gardner que, por sua vez, referindo-se à população da vila de Natividade, escreve que “Os habitantes são vadios e indolentes em extremo e, por isso, sempre há escassez das coisas comuns na vida (SILVA, 2003, p.169).

Os viajantes geralmente eram enviados ao interior para coletarem espécies de plantas, observarem a fauna, enfim eram emissários de instituições científicas que produziram mapas e roteiros, analisaram a flora, a fauna, a geografia, etc. Não estavam preocupados com as condições de vida nem com costumes da população.

Não é contraditório que o viajante Oscar Leal, apesar de pouco se referir às classes subalternas, nos seus relatos de “*Viagem às terras goianas*” poucos anos após George Gardner passar por essas terras, ter encontrado pessoas e lugares

---

da palavra é *aval*, em contraposição à palavra *amont* (montante). Tudo o que está abaixo do ponto de referência, ao longo do curso do rio até à foz, diz-se que se situa “a jusante” (águas abaixo), enquanto tudo que se situa acima, diz-se que se situa “a montante” do mesmo ponto. Dado um ponto num curso d'água, este passa a ser dividido em duas partes: a parte a montante, de onde vêm as águas e a parte a jusante, para onde estão indo as águas.

dignos de elogios quando se reporta ao movimento republicano? Leal deixa claro que a população do sudoeste de Goiás, a qual visitou em 1890, era admirável por seus pensamentos modernos propensos ao progresso.

Outro paulista que também veio para o sudoeste goiano foi Custódio Lemes do Prado, chegando para Goiás pelo porto de Santa Rita do Paranaíba, hoje Itumbiara, instalou-se com sua família e comitiva no lugar que passou a denominar Ronda, na sub-região do Córrego Raso, às margens do Rio Paranaíba, onde abriu um porto, o Porto de Custódio Lemes, vulgarmente Porto de São Jerônimo, por estar junto à barra do ribeirão deste nome. Anos mais tarde o porto foi encampado pelo governo de Goiás e continuou servindo à população da região por longo tempo, como única via de acesso desta parte do sudoeste de Goiás ao Triângulo Mineiro (antiga região da Farinha Podre que pertencia a Goiás e foi anexada ao Estado de Minas Gerais).

Não é também contraditório que outro paulista, José Vicente de Lima, conhecedor prático de medicina e ex-tenente da Guarda Nacional, adquiriu grande parte de terras de João Crisóstomo, o que foi feito também por José Ferreira de Jesus que juntamente com sua família se instalou na região, já que como afirma Silva (2001, p. 627-8. “dado o seu temperamento, João Crisóstomo de Oliveira não admitia a entrada de mais ninguém na região”.

Como a região continuou a receber famílias inteiras, anos depois, data que não podemos precisar, por falta de documentos, José Ferreira de Jesus mudou-se com sua família e comitiva para um ponto intermediário, distante quarenta e poucos quilômetros do Rio Paranaíba, já denominado Fazenda Confusão do Rio Preto, sub-região da Confusão do Rio Preto, onde adquiriu uma Grande faixa de terras. Ainda segundo Silva (2001, p. 628)

Em 07 de janeiro de 1843, José Ferreira de Jesus e sua esposa dona Maria Jacinta de Oliveira, já com intenção de fundar um povoado fez doação de 900 alqueires de terras à Igreja Católica Apostólica.

A área está situada na sub-região da Confusão do Rio Preto, entre a Serra Confusão do Rio Preto, o Rio das Pedras e seus dois afluentes: Potreiro e das Clemências. A Escritura se encontra registrada no Registro Imobiliário da Cidade de Rio Verde, sob o número 201, em 28 de março de 1913.

### 1.1 A origem do povoamento: uma associação histórica

Com a doação das terras à Igreja o vigário da Paróquia de Rio Verde começou a visitar periodicamente a localidade, que se tornava mais povoada e atendia os fiéis usava para isso um rancho coberto de palha que fora erguido juntamente com um grande cruzeiro; este lugar passou a ser denominado Oração, atualmente no subúrbio de Quirinópolis e ali o vigário rezava a missa, fazia batizados e praticava os demais atos da Igreja condizentes a seu cargo.

Anos mais tarde, cuja data se ignora, em um lugar escolhido, a pouco mais de dois quilômetros distante da serra, entre dois córregos, afluentes e subafluentes do Rio das Pedras, perto de onde já funcionava uma olaria, um grupo de pessoas chefiado por José Ferreira de Jesus, cercou uma Área quadrangular para o cemitério, relativamente espaçoso, edificando pouco depois em um dos ângulos, uma capela, ficando assim fundado um povoado; o dito córrego afluente do rio das pedras, até aquele tempo sem nome, passou a ser denominado Córrego da Capela e o lugar adquiriu o nome de Capelinha, visto possuir uma pequena Igreja (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 33-4).

De acordo com Marx (1991) a institucionalização da vida de muitas e "tão dispersas comunidades se dava pela oficialização de sua ermida, de sua capelinha visitada por um cura que se fosse elevada a Matriz" significava a ascensão de toda uma região inóspita".

Portanto, com a oficialização da Capelinha, efetivada pela visita periódica do vigário e a prática dos atos religiosos praticados no seu interior, dá-se a sua oficialização.

Ficando assim fundado um povoado, (mesmo antes da vida de um único morador), e com a capelinha instalada e oficializada as famílias da região, brasileiras e até européias vieram fazer parte da grande família quirinopolitana como a família Rodrigues por exemplo (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 34).

Com a oficialização da Capelinha e a demarcação da área reservada para o cemitério, e já com algumas e dispersas casas no incipiente povoado as pessoas continuaram a chegar para habitar o local, como podemos ver na citação abaixo:

A família Rodrigues Pereira, veio da Espanha, onde eram fazendeiros, para o Brasil em 1843, compraram fazendas em Sacramento (MG) onde moraram até o falecimento dos pais, quando resolveram adentrar o interior

do Brasil. Roteiro da viagem: 1º. Vieram para Monte Alegre de Minas (MG), lá compraram uma 'fazenda Babilônia' e um grupo de ciganos tentou tomá-la, houve uma guerra e os Rodrigues mataram os ciganos. Depois os Rodrigues vieram para Goiás, passando por Paraúna, Caiapônia e finalmente Quirinópolis, em 1855. Onde foram pioneiros e alguns dos fundadores, também foram pioneiros na região de Cachoeira Alta, Cidade fundada por Manuel Batista Barroso, casado com Porcina Rodrigues, filha do Cel. Cândido Rodrigues Pereira (REVISTA BRASIL OESTE, 2002, nº 79, p. 14).

Como o povoado continuava crescendo no dia 29 de julho de 1879 foi elevado à condição de Freguesia<sup>5</sup> de natureza coletiva, sob a denominação de Nossa Senhora d'Abadia, como demonstra a citação abaixo.

Resolução nº. 603 de 29 de julho de 1879. Cria uma freguesia de natureza Coletiva no município de Rio Verde. Aristides de Souza, presidente da província de Goyaz: Faço saber a todos os seus habitantes que a assembléia legislativa provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte: Art. 1º - Fica criada uma Freguesia de natureza coletiva no Município de Rio Verde com a denominação de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba. Art. 2º - A sede desta freguesia será a mesma povoação onde já existe uma capela sob aquela invocação (CUNHA NETO, 1993, p. 46).

Quinze anos depois, no dia de 10 de julho de 1894, por lei municipal da Comarca de Rio Verde, foi criado o Distrito de Nossa Senhora d'Abadia do Paranaíba, nome oficial do lugar (denominado vulgarmente Capelinha) que já se tornara um pequeno povoado nessa ocasião.

Este já se fazia notar e seus habitantes se esforçavam para que seu crescimento continuasse. Aqui abro um parêntese para destacar que os moradores, visando ao crescimento do nascente povoado retornavam aos seus lugares de origem para convidar familiares e pessoas que consideravam de alguma importância para também vir viverem na localidade.

E, assim, no mesmo ano, chegaram a Goiás Jerônimo Martins Parreira, procedente de Franca São Paulo e a convite de José

---

<sup>5</sup>Freguesia no Brasil, durante o tempo da colônia, era exatamente o mesmo que em Portugal, não havendo distinção entre freguesia e paróquia. Com a proclamação da República houve uma total separação entre a Igreja Católica e o Estado Brasileiro, de modo que as antigas províncias transformaram-se em estados autônomos divididos em municípios também autônomos que, por sua vez, podem (ou não) ter seu território dividido para fins puramente administrativos. A Igreja Católica passou a manter uma estrutura administrativa distinta.

Vicente Pereira Ramos que fora ao Estado de São Paulo, Alguns parentes do Sr. Jerônimo já habitavam em Goiás, inclusive uma tia, Dona Maria Cândida Parreira, justamente a esposa de José Vicente Pereira Ramos. Depois de permanecerem alguns meses no município de Morrinhos, neste Estado, veio para Capelinha e ocupou o cargo de escrivão da recebedoria do Porto de Custódio Lemes, vulgo São Jerônimo, sob a administração do Senhor José Vicente Evilásio de Lima. Dois anos depois, em 04 de julho de 1896, contraiu matrimônio com a senhorita Maria Alves Pereira, natural do município de Morrinhos, filha de Manuel Alves Pereira, e de Dona Carolina Marques (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 34).

Paralelamente à criação do Distrito de Nossa Senhora de d'Abadia do Paranaíba foi inaugurado o Cartório de Registro Civil e anexo, sendo nomeado Oficial do Registro Civil o Senhor Jerônimo Martins Parreira e seu primeiro ato público, lavrado em 03 de outubro de 1896, foi o casamento de Narciso Antônio de Paula e dona Francisca Luíza da Silva, naturais de Dores do Campo Formoso e de Uberaba, Minas Gerais, respectivamente, celebrado pelo primeiro Juiz Distrital de Capelinha, o Senhor José Vicente Evilásio de Lima, conforme consta do Livro B, nº 1, existente no Cartório de Registro Civil desta Cidade.

A primeira Escritura Pública de compra e venda de terras foi lavrada em 09 de novembro de 1898 pelo escrivão João Manoel Corrêa. Nela figuram como outorgantes vendedores o Dr. Demenico de Luca, Barão de Strazzari e sua mulher, dona Maria Placedina de Luca, Baronesa de Strazzari, residentes em Franca, Estado de São Paulo, no ato, representados por seu bastante procurador, o Senhor José Vicente Evilásio de Lima e como outorgado comprador, o senhor Reduzino Martins, residente nesta localidade. Tratava-se de uma parte de terras na fazenda Castelo, neste Distrito, composta de campos e culturas, o valor atribuído foi de oito contos de reis, conforme consta no livro de notas de nº 1, existente no Cartório do Segundo Ofício, desta Cidade.

## 1.2 A mudança e sua história

Como o local escolhido para a construção do cemitério e da capela primitiva, foi considerado inadequado por ser úmido e insalubre percebeu-se a necessidade de mudar o povoado para lugar mais apropriado.

Como era desejo das novas lideranças e do povo de Capelinha trataram de comunicar ao Bispo D. Eduardo Duarte e Silva a transferência e este estando de pleno acordo, em 19 de março de 1905, nomeou uma comissão presidida pelo Cel. Quintiliano Leão como depositário, composta pelos senhores Manoel Domingos da Silva e Feliciano Domingos Dias, respectivamente, procurador e tesoureiro e os fabriqueiros: os senhores Abicésio José Cabral, Jerônimo Martins Parreira, José Joaquim Cabral, José Vicente Pereira Ramos, Joaquim Ferreira de Moraes e Manoel Ferreira Pessoa (vulgo Né). Esta comissão deveria angariar donativos e proceder à escolha de outro lugar para edificar a nova capela. (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 35).

Foi escolhido o local em que se encontra a Velha Matriz de Nossa Senhora d'Abadia de Quirinópolis.

Onde já havia um grande cruzeiro que foi bento pelo Frei Manoel Maria, em santas missões, junto a seus companheiros, Frei Benevenuto, Pe. Ângelo Tardio Bruno e Pe. Mariano Inácio de Souza, à margem de um pequeno Córrego, subafluente do Rio das Pedras, que adquiriu o nome de Córrego do Cruzeiro. (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 35).

É necessário estabelecer um paralelo entre a mudança da cidade de Quirinópolis e Goiânia. A ideia de mudança da cidade para um local mais apropriado não era nenhuma novidade, pois esta já existia a transferência da própria capital da província que padecia dos mesmos males que o povoado de Capelinha e chegou a ser registrada na Carta Magna do Estado.

Os argumentos contra a Cidade de Goiás, a insalubridade de seu clima e sua má localização, a falta de infraestrutura adequada, problemas de saúde, água salobra e região úmida, casavam com as acusações que se faziam referentes ao povoado de Capelinha.

Convém observar que o interventor de Goiás e construtor de Goiânia fora médico em Rio Verde (nos anos que antecederam a Revolução de 1930) e já imbuído da ideia mudancista tratava de divulgá-la aos coronéis de Rio Verde e Capelinha, seus amigos, a necessidade da mudança de Goiânia, fato ocorrido em 1933.

Foto 01- Anúncio de vendas de lotes na nova futura Capital de Goiás



Fonte: Arquivo particular de Lino da Costa Filho<sup>6</sup>

Assim, alegando questões de saúde e geográficas os moradores de Capelinha pediram ao Bispo desta Diocese a construção de uma nova Capela, pois a primitiva fora construída em local inadequado.

A cidade teve início próximo à serra (o local dista a 03 Km da atual cidade e cerca de 02 Km da serra), em local úmido, pantanoso e que causa muitas doenças, além de não propiciar seu desenvolvimento (REVISTA BRASIL OESTE, Ano XVII nº 79, 2002, p. 14).

A mudança da localidade do povoado proporcionaria a sensação de progresso, e aproveitava os ventos mudancistas que transfeririam a Capital da Cidade de Goiás para Goiânia.

Porém, a comissão nomeada em 19 de março de 1905 não fundou a nova cidade, já que um dos idealistas deste projeto, Quintiliano da Silveira Leão voltou a morar em Rio Verde, sua cidade natal, em 1906 e Cândido Rodrigues Pereira faleceu em 1910. Foram adiados, assim, os planos dos moradores, mas foram revitalizados em 05 de outubro de 1911 quando o Bispo de Goiás, D. Prudêncio Gomes da Silva, nomeou outra comissão para

<sup>6</sup> Foto 01- Anúncio de vendas de lotes na nova futura Capital de Goiás. Representa a mudança da localidade da Capital de Goiás como sendo os ventos mudancistas alegando questões de saúde e geográficas do município.

Convém observar que o interventor de Goiás e construtor de Goiânia Pedro Ludovico Teixeira fora médico em Rio Verde (nos anos que antecederam a Revolução de 1930) e amigo dos coronéis de Capelinha.



tratar dos preparativos e promover a construção da nova capela. Essa comissão ficou assim composta: Mariano Inácio de Souza (padre de Rio Verde), Presidente; Cel. José Quirino Cardoso; 1º Vice-Presidente; Cel. Antônio Rodrigues Pereira 2º Vice-Presidente; Cel. Jacintho Honório da Silva; Tesoureiro" (BRASIL OESTE, 2002, nº 79, p.14).

Essa comissão lançou em 8 de setembro de 1913 a pedra fundamental do novo povoado que se tornaria Quirinópolis (1919), distrito de Rio Verde. Para a implantação e estabilização do povoado seria necessária a construção da Igreja.

Antes do encerramento da solenidade, o Cel. Antonio Rodrigues Pereira, 2º Vice-Presidente da comissão fundadora, propôs que constasse na ata de fundação, voto de louvor ao jovem Cap, Jacintho Honório da Silva, que muito se esmerou em obter auxílio nas terras mineiras e também para José Joaquim Cabral por ter buscado a 14 léguas e preparado com muito amor e perícia a pedra fundamental e os esteios para a solenidade de bênção e fundação da Igreja. (Atual Velha Matriz)... Terminada a construção da Igreja Matriz que foi inaugurada no final de 1919, ficando assim definitivamente fundada a Cidade de Quirinópolis, pelos fundadores que vieram da mesma região da divisa de Minas Gerais com São Paulo, e que são os Coronéis Antonio Rodrigues Pereira, que veio de Sacramento (MG), José Quirino Cardoso, vindo de Passos (MG) e o jovem Capitão Jacintho Honório da Silva, mais tarde Coronel, procedente de Franca (SP) (SABINO JÚNIOR, 2000, p. 48).

Pode-se afirmar que os ventos mudancistas tiveram sua participação na mudança do povoado de Capelinha pela relação estabelecida com o médico, político e líder revolucionário Pedro Ludovico Teixeira, o qual

Clinicava em Rio Verde e atendia aos chamados dos amigos e Coronéis da região, o que vem fortalecer os laços políticos e até fornecimentos de homens e armas para a Revolução de 1930, onde Pedro Ludovico era um revolucionário e entrou em luta armada em Quirinópolis e em Rio Verde (MATTOS & PARREIRA, 1988, p. 14).

Observando esses aspectos Quirinópolis alia-se aos ares mudancistas já incitados por Pedro Ludovico Teixeira que tem o seu auge na mudança da capital do Estado de Goiás de Vila Boa para Goiânia.

Mas o que está verdadeiramente por trás da mudança da Capital foi admitido pelo próprio interventor Pedro Ludovico Teixeira como nos afirma Arrais (2004, p. 104):

Foram motivos de ordem política que interferiram na mudança da capital... A transferência da capital, além de uma estratégia política, representou o momento da entrada de Goiás no contexto da Marcha para Oeste, fato reforçado pelas referências do Presidente Getúlio Vargas sobre a importância do povoamento do interior do País.

A referência a alguns motivos da mudança da capital nos parece necessária para entendermos o porquê da construção de Goiânia e também da mudança do povoado de Capelinha.

Goiás encontrava-se com pouca – ou nenhuma – perspectiva socioeconômica com aumento do desemprego (após o esgotamento da mineração) e a própria dificuldade econômica da maioria dos seus habitantes. Goiás era considerado uma das periferias do Brasil. Segundo Chaul (2001, p.117):

Urgia, então, na proposta dos arautos do liberalismo da Primeira República, construir uma grande potência, apostar as fichas no desenvolvimento material do país e superar, de todas as formas, o atraso das regiões brasileiras (CHAUL, 2001, p. 117).

Em Quirinópolis também foi uma estratégia política que tirou do poder as antigas oligarquias como afirma Assilvo José D'Abadia ( 2010, p.49):

Quirinópolis poderia ter outros nomes como: **Rodrigueslândia**, **Jacinthonópolis** ou **D'Abadianópolis** porque os outros quatro, foram na verdade, muito mais fundadores da cidade que o Quirino que viveu no município de 1906 até sua morte em março de 1919... Os coronéis Cândido Rodrigues e Antônio Rodrigues chegaram à região em 1850 (nem existia a cidade) e viveram até suas mortes em 1910 e 1934 respectivamente. Desbravaram a região do sudoeste goiano. Instalaram várias e grandes fazendas povoando o município. Foram co-fundadores da primeira igreja... do primeiro cemitério e da primeira casa comercial em 1870 (início da velha cidade em 1868). Foram co-fundadores da segunda Igreja (atual Velha Matriz), do segundo cemitério (atual) e demais órgãos públicos da nova (atual cidade de Quirinópolis... Adolfo D'Abadia viveu no município de 1920 a 1965 com efetiva participação na fundação e consolidação da cidade como a ampliação da Velha Matriz (em 1925), da Casa Comercial, cemitério (atual), que ele liderou esta fundação e demais prédios públicos como a Câmara Municipal, Prefeitura, Cadeia Pública etc. Tendo sido juiz distrital e um municipal por mais 23 anos.

O médico Pedro Ludovico Teixeira formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1926, logo começou a participar da política goiana sendo

oposição da oligarquia dominante. Foi nomeado por Getúlio Vargas como Interventor Federal em Goiás, em novembro de 1930.

A Revolução de Trinta chega a Goiás quando a oligarquia se fortalecia. E graças à 'Coluna Mineira' a oposição alcança o poder executivo estadual. Fazendo parte da Junta governativa, logo Pedro Ludovico foi indicado interventor. No executivo, utiliza o saber médico para governar e para se manter no poder (CAMPOS, 2002, p. 169).

É válido ressaltar que a ideia mudancista foi ganhando força nos processos, discursos políticos e ideológicos de Pedro Ludovico e de seus correligionários no sudoeste goiano e culminaram tanto na transferência da Capital quanto no povoado da Capelinha - Quirinópolis:

Assim, no dia 08 de setembro de 1913, reunidas na capela do povoado as ditas comissões, em sessão solene presidida pelo padre Mariano Inácio de Souza, presentes as autoridades distritais, os senhores: Nicolau Alves Tolentino, Juiz Distrital, Benedito Domingues da Silva, Manoel Batista Marques e Vicente Pereira Ramos, primeiro, segundo e terceiro suplentes, respectivamente, Manoel Ferreira Pessoa (vulgo Né) Sub-Delegado de Polícia, Jerônimo Martins Parreiras, Oficial de Registro Civil e Escrivão Distrital, juntamente a um grande número de pessoas, formando um grande cortejo que, partindo da capela, se dirigiu ao local escolhido para a nova construção, na distância de três quilômetros, onde dentre aplausos, viva Nossa Senhora D'abadia e Viva a Igreja Católica Apostólica Romana, foi baixada a pedra fundamental, contendo documentos históricos, erguendo sobre ela o primeiro esteio da nova construção; o Padre Mariano Inácio de Souza, após a benção, considerou fundado o novo povoado de Nossa Senhora d'Abadia do Paranaíba, vulgo Capelinha e iniciada a construção da nova capela, finda a cerimônia, o cortejo voltou a Igreja primitiva, para a continuação das solenidades religiosas (PARREIRA & MATTOS, 2010, p. 35).

Essa nova comissão deveria angariar donativos e proceder à escolha de outro lugar para edificar a nova capela, havendo a comissão posteriormente escolhido por unanimidade o local em que foi construída e ainda se encontra nos dias atuais. Segundo Gilson Xavier Azevedo (2010, p. 91).

Um detalhe importante é que a construção da igreja se deu com a porta voltada para o poente, região em que também ficava o cemitério da cidade, mas a cidade teimou em crescer para o Sul, o que forçou a mudança da torre frontal da Igreja para esta posição geográfica.

A construção da nova capela ficou a cargo do oficial mestre Nicolau Alves Tolentino que, no ano seguinte, com a obra bastante adiantada faleceu repentinamente, entretanto, pouco depois, os trabalhos continuaram com outros oficiais, embora muito lentamente.

Assim, no dia 08 de setembro de 1913, reunidas na capela do povoado as ditas comissões, em sessão solene presidida pelo padre Mariano Inácio de Souza, presentes as autoridades distritais, os senhores: Nicolau Alves Tolentino, Juiz Distrital, Benedito Domingues da Silva, Manoel Batista Marques e Vicente Pereira Ramos, primeiro, segundo e terceiro suplentes, respectivamente, Manoel Ferreira Pessoa (Vulgo Né), Sub-Delegado de Polícia, Jerônimo Martins Parreiras, Oficial de Registro Civil e Escrivão Distrital, juntamente a um grande número de pessoas, formando um grande cortejo que, partindo da capela, se dirigiu ao local escolhido para a nova construção, na distância de três quilômetros, onde dentre aplausos, viva Nossa Senhora D'abadia e Viva a Igreja Católica Apostólica Romana, foi baixada a pedra fundamental, contendo documentos históricos, erguendo sobre ela o primeiro esteio da nova construção; o Padre Mariano Inácio de Souza, após a benção, considerou fundado o novo povoado de Nossa Senhora d'Abadia do Paranaíba, vulgo Capelinha e iniciada a construção da nova capela, finda a cerimônia, o cortejo voltou a Igreja primitiva, para a continuação das solenidades religiosas (MATTOS & PARREIRA, 1988, p. 03).

Terminadas as solenidades as pessoas voltaram aos seus afazeres cotidianos e as comissões recém constituídas passaram aos preparativos para desempenhar as atividades para a construção da nova Igreja que ficaram sob suas responsabilidades.

No dia 21 de dezembro de 1914, meses após o falecimento de Nicolau Alves Tolentino, Jerônimo Martins Parreira, Oficial do Registro Civil do lugar, foi misteriosamente assassinado. O Juiz Distrital na ocasião, José Vicente Pereira Ramos, bem soube deixar de tomar qualquer providência a respeito, ficando indevassável o mistério e impune o crime; ocupou o cargo de Oficial do Registro Civil Zacarias Damasceno Ribeiro, prático de farmácia do povoado, que se demitiu no ano de 1917, sendo nomeado Oficial do Registro Civil o professor José Cândido da Silva, que permaneceu no cargo até o ano de 1930.

No mesmo ano de 1917 chegou a Capelinha, procedente de Santa Rita do Paranaíba, o comerciante Joaquim Timótheo de Paula, então Juiz Distrital do povoado e sua esposa, dona Olímpia Carmo de Paula, a qual foi por longos anos zeladora da Igreja Matriz de Nossa Senhora d'Abadia... Ela foi, posteriormente, substituída por Odon Bento Borges.

O ano 1917 fora positivo, pois chegara ao povoado o primeiro professor, o Sr. Carlos Vaz Guimarães, natural de Cuiabá - MT, e também o marceneiro Semião Martins Teixeira, procedente do Estado de Minas Gerais, já havia se instalado na localidade com sua família quando chegaram os oficiais João Martins de Assunção e José de Paiva Coelho, também procedentes do Estado de Minas Gerais, os quais contratados pela comissão terminaram a construção da nova Igreja, sendo a mesma inaugurada em fins do mesmo ano...Os Senhores José Quirino Cardoso e Jacintho Honório da Silva foram

os principais patronos e financiadores da Construção da Matriz de Nossa Senhora d'Abadia de Quirinópolis, hoje, velha Matriz (MATTOS & PARREIRA, 1988, p. 04).

Foto 02: Vista Panorâmica da Velha Matriz na década de 20



Vista panorâmica da Velha Matriz na década de 20

Foto: Arquivo particular de Sebastião Marcolino Ferreira<sup>7</sup>

Com a mudança do povoado e o afluxo de pessoas na região fez-se necessária a construção de uma estrada ligando Rio Verde ao novo povoado e, assim no dia 19 de julho de 1919, foi inaugurada a estrada de autos, denominada Sul Goiana entre Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara), Rio Verde e Jataí, de uma companhia organizada entre aquelas cidades. Essa estrada serviu de grande impulso para Capelinha, visto que passava dentro dos limites do Distrito, na distância de setenta quilômetros, mais ou menos, no ponto mais próximo.

A melhoria que esta estrada trouxe, provocou na década de 1920 a vinda para o dito povoado de várias famílias, as quais contribuíram para o crescimento do povoado de Capelinha, pois aqui constituíram famílias, atuaram na economia local, foram fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos. É o caso de Adolfo José d'Abadia, ex-empregado público no Porto do Praião, no Rio Paranaíba que também veio para Capelinha e, posteriormente, em 30 de julho de 1921, contraiu matrimônio com Josina Rosa de Jesus, neta de Antônio Rodrigues Pereira, abastado fazendeiro

<sup>7</sup> Foto 02: Vista Panorâmica da Velha Matriz na década de 20. A foto da Igreja Mãe pertence ao Sr. Sebastião Marcolino Ferreira. Com 90 anos, foi entrevistado em 24/01/2011. Atualmente aposentado, foi Carpinteiro e proprietário rural; para ele a igreja representa a mudança da localidade do distrito Capelinha como sendo dos ventos Mudancistas alegando questões de saúde como no discurso do amigo Pedro Ludovico Teixeira.

e comerciante, o qual no povoado da Capelinha montou a primeira loja de tecidos e armarinhos. Era também proprietário de um armazém, onde o sertanejo encontrava tudo o que necessitava. Adolfo José d'Abadia foi comerciante e ocupou o cargo de Juiz Distrital do povoado, por longos anos.

José Brazão de Carvalho, natural de Lavras, Estado de Minas Gerais, logo após sua chegada fundou uma loja de tecidos no povoado e tempos depois, em 06 de maio de 1922, contraiu matrimônio com a Senhorita Izaura Corrêa Neves e exerceu o cargo de suplente de Juiz Distrital, sendo por último nomeado Sub-Delegado de Polícia do lugar e ficou definitivamente incorporado à família quirinopolitana.

Outro que se liga definitivamente a Quirinópolis é Wilson Barbosa que chegou com a família, procedente de Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara), Estado de Goiás, em julho de 1926, prático em farmácia. Pouco tempo depois de haver se instalado no povoado tornou-se muito conhecido e conquistou muitas amizades. Após haver edificado sua residência e como capelinha continuava a atrair cada vez mais pessoas descobriu na cabeceira do Córrego do Cruzeiro um barro próprio para fabricar tijolos e montou no local uma olaria; passou a fabricar tijolos e construir várias casas no povoado. Foi representante da Igreja na qualidade de fabricante, tomando voluntariamente a obrigação de limpar as ruas e a praça principal do povoado, bem como conservar a ponte sobre o Córrego do Cruzeiro, única ligação entre as duas partes do povoado. Foi o chefe da construção do primeiro prédio escolar do povoado que recebeu o nome de Grupo Escolar Ricardo Campos, na década de 1930; situava-se no local onde hoje é a atual sede social da AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil. Também abriu o Largo São Sebastião, onde foi construído o prédio da prefeitura (atualmente, tanto a Praça São Sebastião como o antigo prédio estão sendo utilizados pelo Colégio Educacional de Quirinópolis - CEQ). (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 36).

Todas as pessoas que foram citadas neste trabalho contribuíram de forma ativa na formação de Quirinópolis, mas por falta de dados e estudos específicos não salientamos a participação da população humilde dentro do processo de transferência do povoado, atual Quirinópolis.

A Capela primitiva foi demolida e o córrego passou a ser denominado Córrego da Capela Velha, ficando apenas o cemitério com suas cruzes ao lado; depois o Cemitério foi abandonado e dele restam apenas ruínas que as mãos do tempo consomem.

Esses primeiros moradores, aventureiros que enveredaram pelo interior de Goiás, com trabalho, dedicação, iniciativa e vontade foram os pioneiros responsáveis pela existência da hoje próspera cidade de Quirinópolis.

Embora faltem dados e documentos que relatem é importante também destacar aqui o compromisso dos moradores do povoado, pois como cidadãos tomaram para si (de forma voluntária, como o caso de Wilson Barbosa) as medidas para manter a administração, a ordem e a limpeza das ruas e praças do povoado.

Quirinópolis foi crescendo e cada vez se tornando mais populosa assim cumprindo o que vaticinou José Jacintho que ao chegar à região “subiu numa elevação montanhosa, hoje chamada Serra da Confusão do Rio Preto e avistou uma região que para ele seria além de promissora, um pólo de desenvolvimento” (AZEVEDO, 2010, p. 89).

Em julho de 1927 o povoado de Capelinha conheceu o primeiro automóvel que chegou à cidade dirigido por seu proprietário, Antônio Costa, um paulista de Araçatuba que partiu da Estrada Sul Goiana e atingiu Capelinha.

Depois de percorrer mais de setenta quilômetros, de estrada de carros e bois, aterrando buracos, consertando pontes, disfarçando barrancos, abrindo desvios e assustando moradores que não conheciam automóveis (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 36).

Este motivou Daniel Ferreira Diniz a abrir uma estrada de auto de Cabeleira, ponto da Estrada de Auto Sul Goiana, ao Porto Custódio Lemes, ligando assim Rio Verde-Go a Ituiutaba-MG, passando por Capelinha.

O serviço foi atacado e Bernardo Cerri o empreiteiro, era morador de Rio Verde, o qual espalhou turmas ao longo dos cento e quarenta e oito quilômetros de distância, reempreitando trechos, mata-burros e pontes e a estrada ficou pronta, sendo inaugurada antes de meados de 1930 (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 36).

Inaugurou-se, assim, uma nova fase no povoado de Capelinha, que recebia cada vez mais moradores, como é o caso do paulista de nome Bernardo Cerri, o construtor da estrada de autos que ligava o povoado de Capelinha ao Porto de Custódio Lemes.

Bernardo Cerri era natural de Ribeirão Preto-SP, solteiro, construtor, exímio tocador de sanfona. Posteriormente, em 18 de setembro do mesmo ano contraiu matrimônio com a senhorita Maria de Lurdes Mendonça, da qual já era noivo.

Construiu a primeira casa de estilo platibanda do povoado de propriedade de seu sogro, Gabriel Joaquim de Mendonça; também construiu os alicerces e os muros do cemitério local, início do atual campo santo desta cidade e praticou outros serviços de grande vulto nesta localidade (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 36).

Com a Estrada para Autos ligando o Povoado de Capelinha à cidade de Rio Verde e Ituiutuba a região ganhara um novo alento e mais pessoas chegaram ao local.

Os desígnios foram tomando forma e a região se beneficiou com a construção da rodovia; os cidadãos discutiam a importância das estradas para que o progresso continuasse chegando e a rotina foi se constituindo. Só em 04 de outubro de 1930, quando eclodiu a Revolução da Aliança Liberal, é que a população teve grandes novidades, pois no município travou-se luta armada e houve mortos e feridos.

Na época era chefe político governista nesta localidade o senhor Joaquim Timotheo de Paula e Sub-Delegado de Polícia, o seu concunhado Fernando Carvalho; este, sabendo que o Estado de Minas Gerais era um dos estados revolucionários tratou de vigiar a fronteira, o Porto de Custódio Lemes, vulgarmente São Jerônimo, mantendo as autoridades superiores da Comarca de Rio Verde informadas dos acontecimentos nesta localidade limítrofe e usava para tal o carro de propriedade do Senhor Joaquim Timotheo de Paula; ao amanhecer do dia 08 de outubro, observando movimentos de força no barranco mineiro, correu a Rio Verde avisando a ocorrência e voltou imediatamente, deixando de saída para Capelinha um pelotão de soldados comandados por um sargento. Chegando ao povoado dirigiu-se novamente ao Porto para nova observação e levava consigo o Cabo Arquimínio José Roque, o Soldado José Pereira da Silva e dois civis que intimaram naquele momento, os senhores Bernardo Cerri e João Feliciano Dias (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 36-7).

O Dr. Pedro Ludovico Teixeira, líder revolucionário em Goiás, havendo se organizado no Triângulo Mineiro com uma força de cento e dez homens armados, na tarde do mesmo dia, entrou para Goiás pelo Porto de Custódio Lemos e dirigiu-se para Capelinha.

Ao anoitecer. Encontrou o carro do Sub-Delegado Fernando Carvalho, uma rápida troca de tiros; Bernardo Cerri recebeu um ferimento na perna e ficou imobilizado no carro e os demais se embrenharam no mato, onde o Cabo Arquimínio ficou morto, ficando ilesos os outros três. Dr. Pedro entrou no povoado da Capelinha às vinte e uma horas e havendo chegado o pelotão de soldados de Rio Verde houve combate, do qual resultou um morto e alguns feridos; bateu em retirada a força policial que não aguentou a refrega. Dr. Pedro naquela noite zelou dos feridos, inclusive Bernardo Cerri, que trouxera preso e no dia nove, pela manhã, seguiu com seu grupo para Rio Verde (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 37).

O grupo de Pedro Ludovico foi preso pelas tropas caiadistas em Rio Verde, em 4 de outubro de 1930, sendo solto logo que chegou a notícia, em Goiás, da vitória da Revolução. Com o triunfo da revolução Pedro Ludovico assumiu o



Governo do Estado na qualidade de interventor e, nessa época, iniciava-se uma nova era para Goiás e, por que não dizer, para o Brasil.

O povoado de Capelinha voltou à sua calma rotineira e, em Janeiro de 1931, foi nomeado Oficial do Registro Civil do povoado o Senhor Mariano Hungria o qual havia chegado anteriormente para esta localidade sendo procedente de Santa Rita do Paranaíba, deste Estado e Sub-Delegado de Polícia, o Senhor Crispianiano do Carmo Arantes.

A partir dos fatos acima relacionados o povoado ia se desenvolvendo e outras lideranças iam se formando. Essas novas lideranças políticas da região para se consolidarem e romperem com o passado movimentaram-se no sentido de alterar o nome do povoado de Nossa Senhora D'Abadia para Quirinópolis e atingiu o objetivo com o Decreto Municipal nº 23, de Rio Verde – 24/02/1931.

Este Decreto fortaleceu as novas lideranças filiadas ao grupo de Pedro Ludovico Teixeira, derrubou a antiga liderança e encampou os sonhos dos “arautos do liberalismo da Primeira República que sonhavam construir uma grande potência” (CHAUL, 2001, p. 117).

E, assim, o povoado ganhara certo dinamismo, uma nova força tirada dos sonhos e representando “o novo nas facetas possíveis, em detrimento do velho poder que caía” (CHAUL, 2001, p. 117).

Em princípios da década de 1930 foi criada a Coletoria Estadual; esta demonstrava que o povoado estava crescendo e que o Estado se fazia presente na localidade.

O primeiro Coletor, senhor Nicanor Ferreira, um homem doente, ficou pouco tempo, sendo então nomeado para a mesma função o senhor Wilson Barbosa; este permaneceu até o ano de 1935 quando foi nomeado o senhor Herculano Costa, Coletor Estadual desta localidade (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 37).

O crescimento do povoado, o conseqüente aumento da produção na região e a necessidade de atender os mercados consumidores de Minas Gerais e São Paulo com os produtos agropecuários exigiram um convênio entre os governos dos Estados de Goiás e Minas Gerais, a construção de uma ponte sobre o canal de São

Simão no Rio Paranaíba, grande obra de concreto inaugurada em 24 de dezembro de 1934, bem como a Estrada Estadual de Auto ligando Quirinópolis à São Simão, da qual Bernardo Cerri foi o empreiteiro chefe. Esta muito contribuiu para o desenvolvimento do Sudoeste do estado de Goiás.

Devido ao fato de Quirinópolis estar ligada a Rio Verde e ao Triângulo Mineiro por estradas de automóveis abertas ao tráfego tornou-se comum receber visita regular de médicos de Rio Verde e de outras cidades que vinham clinicar no povoado periodicamente. Dr. Abdias Diniz Nogueira, Dr. Arnaldo Boscrdini e Dr. Hugo Brill foram os médicos que clinicaram em Quirinópolis com maior frequência e permanência.

Outro grande passo no desenvolvimento e grande ajuda no quesito saúde para a população foi a chegada, no ano de 1937, do Dr. Sizenando Martins, o primeiro médico a residir no povoado. Ele montou seu consultório e salvou grande número de vidas. Era natural do Estado da Bahia e veio para Quirinópolis, sendo procedente da Capital de São Paulo. Tempos depois de haver se instalado no povoado contraiu matrimônio com a senhorita Myrtes Lima, filha do seu conterrâneo, senhor João Lima, já residente no lugar.

Dr. Martins, como era conhecido, foi o primeiro a ventilar a hipótese da emancipação política de Quirinópolis em palestra com o senhor Jacintho Honório da Silva (abastado fazendeiro) e Gilberto d'Aparecida Ferreira (farmacêutico e Juiz Distrital), os quais se manifestaram de acordo (MATTOS & PARREIRA, 2010, p. 38).

No ano de 1938 Quirinópolis recebeu iluminação pública. Era produzida por um gerador acionado por caldeira a vapor, cujo conjunto o senhor Pedro Quintiliano Leão, então Prefeito da cidade de Rio Verde, adquiriu por compra feita a Amadeu Marchiori e mandou fazer a instalação definitiva do mesmo para iluminar o centro do povoado. Amadeu Marchiori, velho conhecido dos quirinopolitanos; veio de Ituiutaba-MG e trouxe o conjunto elétrico contratado pelo senhor José Salomão Lemos da Silva para iluminar as barraquinhas na Praça da Matriz por ocasião das festividades religiosas de Nossa Senhora d'Abadia, Padroeira do lugar, das quais era o festeiro nomeado.

### 1.3 A cultura popular e sua história em Quirinópolis

Na Província de Goiás a vastidão do território e a limitação de pessoas para a sua ocupação juntamente com a imposição do princípio capitalista de que as terras devem ser escassas para que se tornem rentáveis despertaram a ambição, como afirma Aguiar, (2002, p. 72):

Constituíram-se fatores de grande peso no sentido de despertar a ambição para a posse de enormes extensões de terra. A importância que a terra adquire, através de sua apropriação e em face da expansão da produção agropecuária, tendo em vista o fortalecimento da economia brasileira, empresta a Goiás um ponto importante para a construção do seu perfil econômico.

Com a ambição despertada pelo princípio capitalista acima descrito a partir da segunda metade do séc. XIX a pecuária invadiu o sertão brasileiro e incluiu as terras goianas. Se nas regiões do Mato Grosso Goiano e Meio Norte ela chegou subsidiária à mineração do Sec. XVIII, no Sul goiano a posse de grandes extensões de terras, a pecuária extensiva, a agricultura de subsistência e a articulação socioeconômica com o Triângulo Mineiro é que possibilitaram a sua inserção no mercado nacional.

Não se pode compreender a economia de Goiás – a partir da década de 1890 – sem levar em conta o domínio comercial do Triângulo Mineiro... Enquanto o sul goiano não recebera influências de São Paulo permanecia em condição introvertida e apenas fortuitamente negociava o excedente do autoconsumo (AGUIAR, 2002, p.74-5).

Vale ressaltar que a região ao Sul da Província de Goiás mostrou-se bem mais integrada ao Centro-Sul do país e, por isso, no Sul da Província o processo de capitalização verificou-se de maneira muito mais intensa que nas demais regiões de Goiás.

Como não se tem notícia da transferência de capitais de outras províncias em direção às terras goianas e como o crédito rural oficial era bastante restrito à época, a acumulação teria como um dos seus pilares as grandes propriedades de terras. O parcelamento de grandes propriedades – incorporadas à produção ou enquanto integrantes de um mercado que se intensificava com o interesse de interiorização do País – pode ter fornecido parte substancial do capital necessário ao início da acumulação em Goiás (AGUIAR, 2002, p.72).

Em Quirinópolis, a criação de gado foi a principal atividade econômica até a metade do Sec. XX (fins dos anos de 1950). Nessa trajetória, os homens que tocavam grandes manadas de gado bovino moldaram as práticas socioeconômicas e culturais que muito contribuíram para a construção de um tipo de imagem na chamada bovinocultura.

Destas práticas socioeconômicas criou-se o universo sertanejo que foi desenvolvendo de maneira poética o modo de vida e a realidade do homem do Sul Goiano, suas tradições, costumes e imaginário neste mundo rural que se delineou.

Pela boca dos tropeiros e dos tangerinos<sup>8</sup> desfilam as novidades ocorridas Brasil afora ou mesmo no torrão natal que ficou tão longe no tempo e no espaço, construindo assim o nosso linguajar e a nossa forma de vida carregada de variações e nuances dos labores do dia a dia.

Há que se lembrar também que se no passado a condução de gado levava meramente animais para o consumo e com o passar dos tempos as comitivas evoluíram no sentido de transportar não mais um apêndice, mas um componente econômico independente de qualquer outra atividade, pois os bovinos constituem um tipo de mercadoria que acaba por fomentar as atividades comerciais.

Os antigos bandeirantes e entradistas são agora tropeiros e tangerinos que no seu vaivém pontilham as ribeiras de cidades, vilas, povoados, aldeias e arruados. Em cada parada para descanso de tropas e boiadas fica a semente da presença humana.

Caio Prado Júnior (1970, p. 187) considerava na pecuária uma atividade comercial ampla que influenciou o devassamento e ocupação do país.

Ela [a pecuária] ainda aí está idêntica ao passado, nestas boiadas que no presente como ontem palmilham o país, tangidas pelas estradas e cobrindo no seu passo lerdo as distâncias imensas que separam o Brasil; realizando o que só o aeroplano conseguiu em nossos dias repetir: a proeza de ignorar o espaço. Há séculos esta cena diuturna se mantém em todo país.

---

<sup>8</sup>Tangerino: homem responsável pela condução do rebanho. Este homem deu origem ao vaqueiro.

Na maioria das cidades do sudoeste goiano, incluindo Quirinópolis, a natureza com seu regime de cheias ocasionais e torrenciais de novembro a março sempre foi um obstáculo difícil de ser transposto, mas o homem, sobretudo, o peão e o boiadeiro assimilaram e enfrentaram essas dificuldades, aprendeu a conviver com elas e, mesmo, superá-las. De acordo com fontes orais foi no interior da cultura rústica, que se construíram alternativas à monotonia e especialmente ao poder dominador do meio, revelando que a pecuária contribuiu de alguma forma para a fixação do homem branco na região.

Por outro lado, o transporte de mercadorias essenciais à sobrevivência era um problema a mais que os primeiros moradores enfrentavam devido à distância dos centros de abastecimento, à falta de estradas e, ainda, à precariedade dos meios de transporte. Segundo Francisco Corrêa Neves (1957, p. 3),

Em Quirinópolis, as primeiras dificuldades surgiam no tocante à importação, pois tudo quanto se necessitava para a subsistência das famílias era transportado em carros de bois e a enormes distâncias em relação à velocidade daquele antiquado meio de transporte. Mas, embora deficiente, era o único que existia para trazer das 'grandes' cidades, a ferramenta, o sal, o arame etc.

A passagem acima deixa clara a condição de dificuldade e sofrimento por que passavam as pessoas daquela época para se locomoverem até as cidades de Uberlândia e Uberaba e serve para confirmar a ligação do Sudoeste goiano com o triângulo mineiro, tal como nos afirma de Francisco Corrêa Neves (1957, p. 3):

Nesse Tempo ainda não se cogitava de construir pontes sobre os rios da região. As chuvas caíam com abundância e desabadoramente. Os habitantes que estavam subordinados a esse regime de vida, após prepararem suas roças, cada chefe de família aprontava um carro com boiada suficiente, bagagem, alimentação etc. Vendiam certo número de gado para com o dinheiro comprar a mercadoria necessária para carregar seus carros no ponto de abastecimento, que era Uberlândia ou Uberaba.

Naquele tempo não havia ainda a lona que os caminhoneiros utilizam atualmente, então utilizavam couros de bois curtidos para cobrir os carros das interpéries do tempo; estes couros cumpriam o seu papel, mas quando molhados

exalavam um mau cheiro. Então quando chegava a noite é que os problemas aumentavam, pois a questão do pouso era bastante difícil, já que perto dos carros o cheiro dos couros molhados que os cobriam exalavam mal cheiro.

Corrêa Neves (1957, p. 5) mais uma vez confirma as dificuldades enfrentadas por esses valorosos habitantes dos sertões.

Ao regressar da viagem, os bois estavam pendendo de magros. Sofriam também os carreiros: usavam um terno de roupa durante o dia e outro a noite, para dormir. Isso durante toda viagem... Era uma gente forte de tal maneira a resistir tudo com ânimo e não se curvavam na resignação.

Tais dificuldades sofridas por bois e os carreiros eram enormes e somente homens e animais resistentes suportavam tais viagens como afirma Corrêa Neves (1957, p. 4).

Nesta época, em Quirinópolis o dinheiro era 'fruta-rara' a maioria dos negócios eram feitos na base da 'trama', ou seja, do escambo que era uma prática comum. Eram poucos os 'josés e joaquins' que conduziam nos bolsos alguns mil-réis. Para conseguir dinheiro para efetuar a viagem e buscar os 'mantimentos' (Sal, açúcar, querosene, tecidos finos e provimentos para as espingardas), vendiam certa parte de sua produção (CORRÊA NEVES, 1957, p.4).

O quadro abaixo mostra o valor pelo qual era vendida a produção agropecuária em réis, em meados do século XX. E também a conversão dos mesmos em Real.

Tabela 01 – Preço dos animais e cereais em meados do século. XX e sua conversão em Reais.

Descrição	Preço em Réis (Rs\$)	Valores em Reais (R\$)
Boi Carreiro	35.000 a 40.000	1.454,54
Vaca Solteira	10.000 a 15.000	545,45
Cavalo de Sela	35.000 a 40.000	1.454,54
Toucinho de Porco	4.000 a 5.000 a arroba	181,81
Milho	30.000 a 35.000 o carro c/ 44 balaies	1.271,72
Carro de Boi	800.000	29.090,90

Fonte: Correa Neves (1957) Valor em Réis e a sua conversão para o Real (R\$): Tabela da [www.tautomania.com.br/tutorial](http://www.tautomania.com.br/tutorial), acesso dia 07/02/11  
Elaboração: Paracy Corrêa Neves (2010)

Na primeira metade do séc. XX a economia pouca alteração sofreu, principalmente em decorrência das poucas estradas que interligavam o município a outras cidades de maior porte. Somente as grandes áreas de vegetação de florestas e pastagens naturais modificaram lentamente e passaram a contrastar com o cultivo de cereais (basicamente arroz e milho) e leguminosas (feijão e vagem) ainda exclusivamente voltados ao consumo próprio.

## 2 O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO

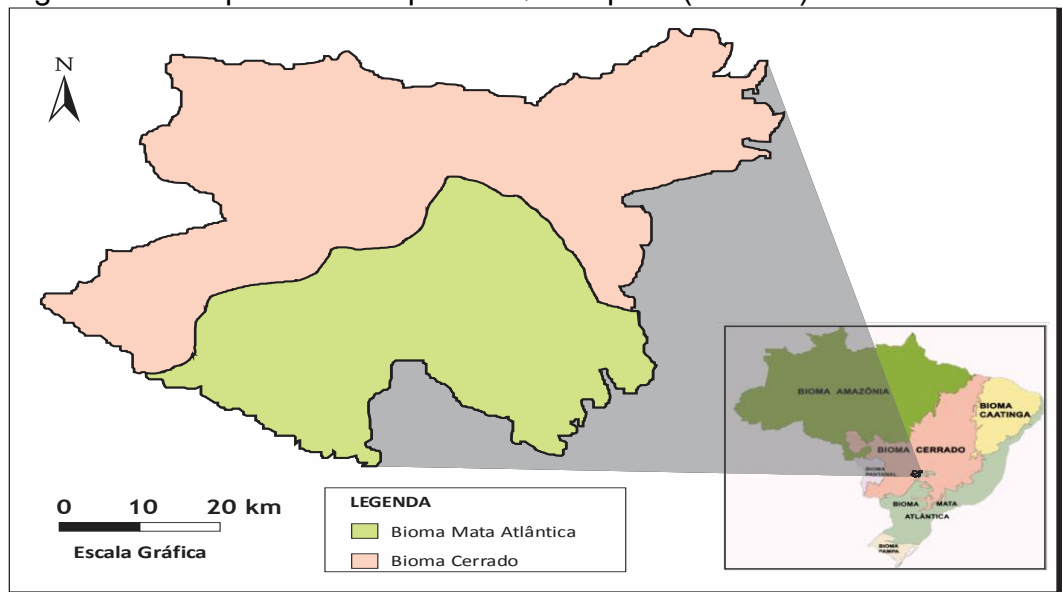
Apresentar o desenvolvimento econômico e político de Quirinópolis torna-se uma tarefa difícil porque se trata de uma experiência subjetiva. Todavia, serão apresentadas algumas considerações e, como tais, recaem sobre a vida cotidiana. A tentativa é entender a importante dimensão da origem, desenvolvimento e o progresso contínuo de uma cidade que surgiu a partir de um pequeno povoado no final do século XIX. À medida que a economia se solidificava acontecia a troca de paisagens naturais pelas modificadas pelo homem.

A região de cerrado onde predominam arbustos e gramíneas foi sendo ocupada por pecuaristas, pois estas ofereciam pastagens naturais abundantes, além de que as margens dos rios e encostas de montanhas podiam ser utilizadas para a agricultura de subsistência. As partes da formação da mata atlântica foram sendo conquistadas mais lentamente, pois demandava custo maior a derrubada da mata de grande porte e sua definitiva ocupação, embora os solos deste bioma fossem os melhores.

A figura abaixo mostra como a vegetação natural é dividida em duas formações vegetais distintas que ocupam a maior parte da extensão das terras do município. Em sua porção norte, centro e nordeste têm-se coberturas de Cerrado (árvores de pequeno e médio porte) e nas porções sul e sudeste predominam arbustos e gramíneas da mata atlântica (árvores de médio e grande porte). Essa divisão natural de duas formações vegetais distintas (conforme figura 01, p. 42) pode ter propiciado a ocupação diferenciada por parte dos primeiros habitantes que, por serem pecuaristas, optaram pelo bioma cerrado. Essa opção consolidou o primeiro eixo comercial da cidade, que é a atual Rua Rio Preto, que dava acesso às fazendas de pecuária, na porção Oeste do município (conforme figura 01, p. 42).



Figura 01 - Mapa do Município de Quirinópolis (Biomos) - 2010



Fonte: Mapa de Biomas do Brasil, IBGE e MMA, 2004.

A pecuária extensiva orientava-se na mesma direção da subsistência: as populações retiravam o leite, a carne e couro consumidos no cotidiano. Razoáveis proporções dos rebanhos eram utilizadas para o trabalho, principalmente em atividades voltadas à lida com veículos de tração animal, com destaque para o “carro de boi”.

Mesmo que tradicionalmente o cerrado tenha sido visto como um sertão longínquo e inóspito, praticamente abandonado à própria sorte, isto não impediu que desde a época da colônia portuguesa fosse ocupado. Serviu como um sistema de produção alimentar e conduzido basicamente por uma força de trabalho familiar explorando, dessa forma, as áreas mais férteis para a produção de grãos. A pecuária, igualmente extensiva, utilizava as áreas de campos e pastagens naturais. Por um lado, havia a grande propriedade com criação de gado e plantação de alguns tipos de cultura e, por outro, as pequenas unidades de subsistência que, em geral, atendiam às necessidades básicas de manutenção da família rural.

Somente na década de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, houve a modernização do campo no Cerrado e as primeiras iniciativas de uma política de planejamento destinada à ocupação produtiva direcionada à região, a partir da implantação das colônias agrícolas nos Estados de Goiás e Mato Grosso.

Porém, com esta primeira iniciativa pouco ou nada se alterou na estrutura fundiária regional, a qual funcionava mais ou menos dentro da seguinte ordem de

distribuição territorial nas propriedades: as terras de melhor fertilidade eram destinadas ao cultivo das lavouras de arroz, feijão e milho e com menor expressão; os chapadões, formados de uma vegetação arbustiva, eram destinados à pecuária e ao extrativismo, destacando-se a extração de lenha, frutos e várias espécies de plantas medicinais.

A partir da década de 1960 as terras do Cerrado tornaram-se fornecedoras de alimentos básicos como arroz e feijão e ainda referência nacional em rizicultura. Foi a partir da década de 1960 que Quirinópolis sofreu aumento de fluxo de migração com grandes contingentes de nordestinos para trabalhar nas lavouras que começaram a empregar novas tecnologias. A modernização no campo trouxe as tecnologias preconizadas pelo discurso ideológico da Revolução Verde<sup>9</sup>.

Somente nos anos de 1970 começou a ser desenhada uma nova estrutura fundiária para a região, motivada pelo processo modernizador do espaço agrícola do cerrado. Inserido este cerrado no cenário econômico foi despertado o interesse dos agroexportadores pelas terras, antes vistas como improdutivas. E nos anos 80 a agricultura intensiva tomou impulso na região com a viabilização tecnológica do cultivo de soja.

A partir de abril de 2007, data do início da operação da primeira usina sucroalcooleira que se instalou no município, assistiu-se à territorialização<sup>10</sup> do capital no cerrado via agronegócio. Goiás foi capturado pela lógica da produção do capital devido às vantagens comparativas de suas terras. O modelo de desenvolvimento econômico alargou-se em função da expansão do agronegócio nas áreas do Cerrado. Esta realidade evidencia-se pela extrema subordinação da agricultura às grandes indústrias.

---

<sup>9</sup> Revolução Verde: Esse programa surgiu com o propósito de aumentar a produção agrícola através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização do solo e utilização de máquinas no campo que aumentassem a produtividade. Isso se daria através do desenvolvimento de sementes adequadas para tipos específicos de solos e climas, adaptação do solo para o plantio e desenvolvimento de máquinas. As sementes modificadas e desenvolvidas nos laboratórios possuem alta resistência a diferentes tipos de pragas e doenças, seu plantio, aliado à utilização de agrotóxicos, fertilizantes, implementos agrícolas e máquinas, aumenta significativamente a produção agrícola. Esse programa foi financiado pelo grupo Rockefeller, sediado em Nova Iorque. Utilizando um discurso ideológico de aumentar a produção de alimentos para acabar com a fome no mundo, o grupo Rockefeller expandiu seu mercado consumidor, fortalecendo a corporação com vendas de verdadeiros pacotes de insumos agrícolas, principalmente para países em desenvolvimento como Índia, Brasil e México.

<sup>10</sup> Territorialização: o termo está relacionado às formas de organização e reorganização social, modos distintos de percepção, ordenamento, reordenamento em termos de relações com o espaço.

Embora o cerrado, um bioma rico em biodiversidade, há algum tempo não oferecesse condições necessárias à exploração agrícola em decorrência dos solos ácidos encontrados nesta região devido ao avanço e desenvolvimento das técnicas, suas áreas passaram a ser alvo do complexo agroindustrial, fator este que propicia uma nova reorganização produtiva no uso e apropriação do território.

Nesse contexto Quirinópolis passou por transformações importantes, já que substituiu sua paisagem natural por monoculturas e também adequou o tamanho das propriedades ao gênero de produção, agregando assim a agricultura familiar ao agronegócio e, portanto, definindo nova estrutura fundiária que mostra um perfil ainda mais claro quanto ao predomínio das grandes propriedades. Se no passado já existia a figura dos latifúndios e da terra concentrada, estes se mantiveram em razão dos incentivos oficiais, do preço das terras, das extensas áreas mecanizáveis, da disponibilidade de modernas tecnologias de produção em grande escala e da descoberta de corretivos do solo (calcário e fosfato).

Pode-se afirmar que a base da estrutura fundiária regional não teve grandes alterações desde a introdução do cultivo da soja no Cerrado, no final dos anos 70 e início da década de 80. Ou seja, persiste um quadro de grandes propriedades, favorecendo ainda mais o agravamento do problema da concentração de terras.

Santos (2008, p. 256) afirma que “o estado de Goiás é marcado por contrastes regionais, estes são derivados da forma como foram introduzidos os primeiros capitais, o que causou uma diferenciação no grau de modernização do território”.

O modelo de desenvolvimento econômico alarga-se em função da expansão do agronegócio nas áreas do cerrado. Esta realidade evidencia-se pela extrema subordinação da agricultura às grandes indústrias.

Assim, o agronegócio passou a ser um discurso dominante devido aos altos índices de produtividade de grãos e recentemente pela intensificação do cultivo da cana-de-açúcar, o que faz de Quirinópolis como também de todo o Centro-Oeste, área estratégica para o desenvolvimento do setor agrícola.

Santos (2008, p. 258) ainda considera que “o pequeno produtor é o segmento que mais sofre com a modernização”. A tendência é o fortalecimento do grande produtor com a incorporação das inovações tecnológicas na produção

agropecuária. A concentração das terras é uma realidade, pois o pequeno produtor em meio às dificuldades vende suas terras e migra para as cidades ou até mesmo torna-se trabalhador temporário da grande propriedade. A tendência é o fortalecimento do grande produtor com a incorporação das inovações tecnológicas na produção agropecuária.

A partir de meados da década de 60 o município teve acelerado processo de migração, principalmente a partir de estados nordestinos (Rio Grande do Norte e Pernambuco), Minas Gerais e São Paulo, sendo este último com um número reduzido, mas de forte poder econômico.

Ressaltem-se ainda as diferenças entre as migrações nordestinas e as demais, visto que as primeiras tiveram como foco servir de mão de obra para as atividades agropecuárias locais, sendo que as demais possuíam um direcionamento para a atividade de ocupação via aquisição de terras. A maioria de paulistas e mineiros que chegaram a Quirinópolis nas décadas de 60 e 70 adquiriram porções de terras com a finalidade de desenvolver atividades capitalistas (agricultura e pecuária).

Os migrantes mineiros vindos de cidades como Ituiutaba, Monte Carmelo, Araguari e Estrela do Sul foram os primeiros a cultivar o arroz com fins de comercialização e isso muito contribuiu para a aceleração das atividades comerciais urbanas, sobretudo as ligadas ao beneficiamento do arroz com uso de maquinários e modernos equipamentos. Tal desenvolvimento comercial pode ser comprovado pelo número de estabelecimentos destinados ao beneficiamento do cereal, denominados vulgarmente “Máquinas de Arroz”; estas atingiram quase 30 unidades ao término da década de 1970, geraram empregos, dinamizaram e potencializaram o comércio urbano.

Esta pode ter sido a primeira atividade econômica a estabelecer a ligação entre campo e cidade e que, de certa forma, empreendeu um novo ritmo de crescimento para a cidade de Quirinópolis. Enfim, como afirma Serra (1987, p. 20), “os espaços urbanos surgem como manchas dentro dos espaços agrícolas. Essas manchas ampliam-se e, quando possível, permanecem cingidas pelos tons verdes das culturas agrícolas” que lhes deram origem.

Foi também na década de 60 que Quirinópolis passou a contar com o primeiro eixo comercial urbano caracterizado pela intensa atividade econômica da Rua Rio Preto, a qual servia de acesso a importantes cidades circunvizinhas além de permitir o acesso às vias rurais.

## 2.1 Uma história feita de outras histórias

Nas décadas de 60 e 70 a cidade superou a marca de 20.000 habitantes e a população urbana superou a rural, conforme observa-se no quadro abaixo.

Tabela 02 – Evolução das populações urbanas e rurais de Quirinópolis de 1940 a 2010

POPULAÇÃO RESIDENTE					
ANO	TOTAL	URBANA		RURAL	
		TOTAL	%	TOTAL	%
1940	13.216	1.471	11,13	11.745	88,87
1950	18.387	2.604	14,16	15.783	85,84
1960	25.644	3.239	12,63	22.405	87,37
1970	37.922	12.649	33,36	25.273	66,64
1980	36.279	22.766	62,75	13.513	37,25
1990	34.276	27.301	79,65	6.975	20,35
2000	36.512	29.655	81,22	6.857	18,78
2010	39.756	33.562	84,42	6.194	15,58

Fonte: FIBGE/SEPLAN-GO (2010)

Elaborado por Leon Alves Corrêa

Nota-se ainda que no período que compreende as décadas de 80 e 90 a cidade sofreu uma diminuição da sua população total devido à emancipação em 1988 do município de Gouvelândia, o qual possuía aproximadamente 4.500 habitantes.

Para Juarez R. Brandão Lopes (1978, p. 67), estudioso do desenvolvimento urbano brasileiro, “as aglomerações, para serem urbanas, precisam contar com pelo menos cinco mil habitantes”, possibilitando “demarcar a área onde mais intensamente se faz sentir a influência de valores, padrões e formas de organização urbanos”.

Tabela 03 - Evolução das Populações urbana e rural de Quirinópolis

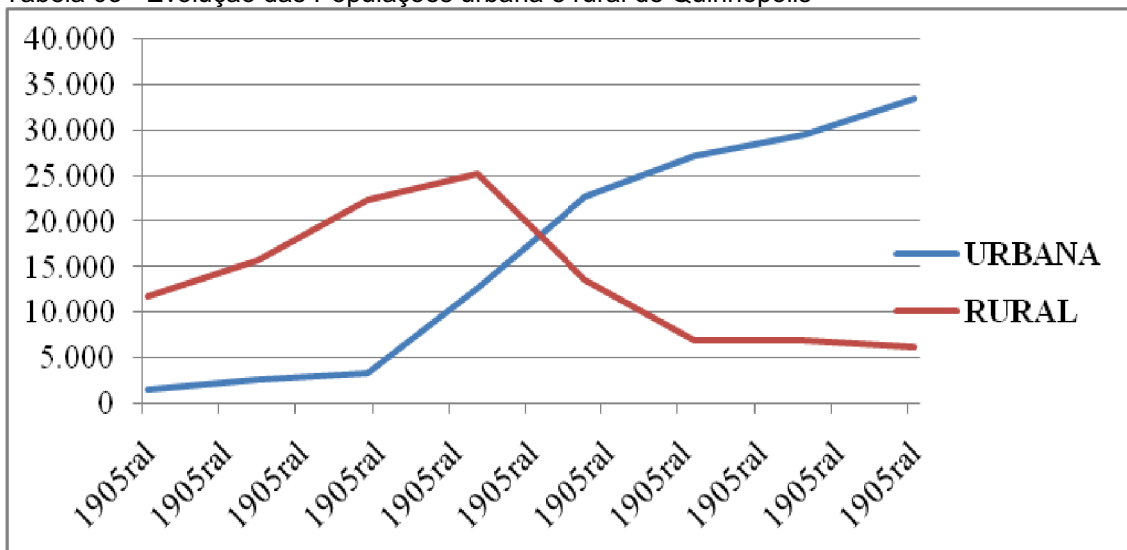


Tabela comparativa da Evolução das populações Urbana e Rural no Município de Quirinópolis de 1940 a 2010-Fonte: FIBGE/SEPLAN-GO (2010)

Elaborado por Leon Alves Corrêa

A década de 1970 foi marcada pelo maciço êxodo rural conforme se verifica na tabela 3 que reforça duas condições - primeiro o avanço da tecnologia no campo, principalmente capitaneada pelas políticas de investimentos e desencadeadas pela iniciativa pública, governo estadual e federal; segundo, pela evolução da infraestrutura urbana por meio de atividades ligadas ao comércio e serviços que geram empregos e atraem o homem do campo para a cidade.

A população quirinopolitana não apresentou grandes mudanças com o avanço da cultura da cana-de-açúcar no município como demonstra a tabela 04 abaixo.

Tabela 04 - Total da população por sexo, urbana e rural

Total de homens	21.940
Total de mulheres	21.303
Total da população urbana	38.179
Total da população rural	5.064
Total geral da população	43.243

FONTE FIBGE@: Cidades

Elaborado por Paracy Corrêa Neves

Conforme dados da tabela acima a população quirinopolitana apresenta um equilíbrio quanto à distribuição por sexo e ainda não apresenta aumento significativo da população residente com a chegada das agroindústrias canavieiras.

Tabela 05 - Total da população residente por religião (Censo 2000)

Católicos	28.691
Evangélicos	3.863
Sem religião	2.844
Espíritas	747
Testemunhas de Jeová	165
Candomblecistas	28

FONTE FIBGE@Cidades: Acesso 11/02/11  
Elaborado por Paracy Corrêa Neves

Embora nas últimas décadas no Brasil tenha havido elevado aumento de Igrejas Neopentecostais, fato este que reduziu o número de membros tanto da Igreja Católica quanto das religiões afro-brasileiras, em Quirinópolis a composição religiosa da população não se alterou na mesma proporção do restante do Brasil, embora também tenham surgido bastantes igrejas neopentecostais.

## 2.2 Os povos originários: suprimidos e esquecidos

No ano de 1940, havendo tomado vulto a hipótese da emancipação de Quirinópolis, foi iniciada a construção da Cadeia Pública e de uma casa contígua para residência de soldados. Gilberto d'Aparecida Ferreira na qualidade de supervisor e responsável pela gerência e andamento da obra, enfrentou grandes dificuldades até o término da mesma já no ano de 1942, mesmo contando com auxílio financeiro de Jacinto Honório da Silva, Antônio Estevam de Oliveira e outros fazendeiros da região.

Como continuavam chegando novas famílias para Quirinópolis que progredia lentamente, mas constante e as estradas ainda não ofereciam boas condições, em 1940, Francisco Candido de Castro (vulgo Chico Anta), casado, ferreiro e residente nesta localidade fez uma viagem à cidade de Rio Verde onde teve a oportunidade de ver um pequeno avião levantar vôo, fazer evoluções sobre a cidade e voltar ao campo de pouso. Tão entusiasmado ficou que solicitou ao piloto voar com ele, então este piloto o fez entrar no avião, decolou e sobrevoou a cidade por cinco minutos, voltando ao campo de pouso. Chico Anta ficou de tal forma maravilhado

que disse ao piloto que seria capaz de fazer um campo de pouso em Quirinópolis, tendo então recebido do piloto a promessa de que tão logo houvesse pista de pouso ele faria uma visita à localidade. Chico Anta então lhe pediu as características de um pequeno campo de pouso. O piloto lhe explicou que deveria ter no mínimo 40 metros de largura, por quatrocentos metros de comprimento, de área bem desmatada e limpa, com a pista central de 15 metros de largura em todo comprimento, bem firme e plana e que deveria ter as cabeceiras nas direções Norte e Sul. Chico Anta voltando para casa pouco depois iniciou os trabalhos de desmatamento em um local fora do povoado que lhe foi indicado e marcado por Wilson Barbosa, fabricante encarregado dos negócios da Igreja local. O entusiasmo de Chico Anta contagiou a população do lugar e todos contribuíram com aquele empreendimento heróico. Em 1942 ele pôde ver o primeiro avião vindo de Rio Verde pousar em Quirinópolis, ficando o campo de pouso denominado Campo de Aviação Chico Anta.

Todos esses acontecimentos e contínuo crescimento aliados aos anseios das lideranças e da população do povoado geraram o desejo de emancipação política de Rio Verde e assim,

O Coronel Jacintho Honório da Silva enviou ao governador um minucioso documento contendo levantamentos estatísticos, dados sobre o comércio, e tudo o que existia na cidade... Perguntando-lhe se seria necessário contratar um advogado para esta finalidade... Pedro Ludovico Teixeira, em resposta, disse-lhe que o advogado seria ele mesmo (SAGIM JÚNIOR, 2000, p. 29).

Promessa feita e cumprida, no dia 31 de dezembro de 1943, pelo Decreto-Lei número 8.305, Quirinópolis foi elevada à categoria de cidade, libertando-se da comarca de Rio Verde, à qual pertencia e adquiriu a sua independência política ficando, portanto, habilitada a reger o seu próprio destino. Destino este circunscrito entre os rios Alegre (oeste), dos Bois (leste) e Paranaíba (sul), sendo um município goiano integrante da microrregião de nº 18 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e que leva o seu nome. A área é de 3.780,17 km<sup>2</sup> equivale a 1,11% do Estado de Goiás.

A sede municipal está localizada em média a 540 m de altitude e tem sua posição geográfica determinada pelas seguintes coordenadas: 18° 26' 54" de latitude Sul e 50° 27' 06" longitude Oeste.



Figura 02: Localização do Município de Quirinópolis



Fonte: IBGE (2008)

No ano do decreto de emancipação (1943) Quirinópolis tinha cinquenta residências cobertas de telhas e várias casas de comércio, dentre elas a de Lázaro Xavier estabelecido na localidade desde fevereiro de 1939, a de José Quintiliano Leão e outras, inclusive o armazém dos Hércules e a farmácia de Gilberto d'Aparecida Ferreira. Havia ainda o Grupo Escolar Ricardo Campos (hoje Museu de Quirinópolis), a Cadeia Pública e casa para residência ou alojamento de soldados, um prédio para a Prefeitura adquirido por Jacintho Honório da Silva por compra feita a Francisco Corrêa Neves e sua mulher e muitos barracos cobertos de palha.

### 2.3 O poder político das famílias tradicionais

A instalação do município se deu no dia 22 de janeiro de 1944; ainda Termo da Comarca de Rio Verde, a cidade de Quirinópolis teve o seu primeiro prefeito nomeado, José Jacintho da Silva, que instalou a Prefeitura doando todos os móveis necessários ao seu funcionamento; exerceu o cargo de 24 de janeiro a 05 de junho do mesmo ano havendo-se demitido. Foi então nomeado Gilberto d'Aparecida Ferreira que exerceu o cargo de 06 de junho de 1944 a 20 de novembro de 1945. No seu governo foi nomeado o primeiro Juiz Togado da cidade, o Dr. Expedito Inácio de Andrade, Juiz Municipal e Termo de Quirinópolis que, juridicamente, ainda dependia da Comarca de Rio Verde. Na mesma ocasião chegaram a Quirinópolis o

Dr. Gentil Augusto Lino e o Dr. Luiz Guedes Santana, os dois primeiros advogados que residiram nesta cidade. Também em seu governo, no dia 16 de março do ano de 1945, foi instalada a Agência do Correio sendo nomeada Agente Postal a senhorita Any de Paiva Coelho; a agência Postal entrou em funcionamento usando estafetas para os transportes das malas postais entre Quirinópolis e Rio Verde por longo tempo.

Ainda no mandato de Gilberto d'Aparecida Ferreira foi ampliado e oficialmente inaugurado o Campo de Aviação Chico Anta. O prefeito Gilberto d'Aparecida Ferreira foi exonerado do cargo em novembro do mesmo ano, na ocasião em que o Dr. Pedro Ludovico Teixeira deixou o governo do Estado de Goiás. Quirinópolis teve ainda dois prefeitos nomeados, Oclécio Corrêa Miranda, de 21 de novembro de 1945 a 11 de abril de 1947 e Flávio Fernandes Lima, de 12 de abril a 07 de dezembro do mesmo ano. Oclécio Corrêa de Miranda, em seu governo, substituiu a caldeira a vapor da iluminação local que apresentava alguns problemas por um motor estacionário movido a diesel, que apresentava muitos problemas, mas iluminou Quirinópolis por vários anos, embora sua produção de energia fosse baixa e inconstante e com hora marcada para ser desligada, pois o motor não resistiria às 24 horas de funcionamento.

#### 2.4 O primeiro prefeito eleito

Garibaldi Teixeira, o primeiro prefeito eleito de Quirinópolis, veio para esta cidade procedente da capital do Estado, posteriormente à emancipação, nomeado para o cargo de primeiro Tabelião. Foi eleito pelo Partido Social Democrático, majoritário no lugar. No seu governo, de 08 de dezembro de 1947 a 30 de janeiro de 1951, dentre outros serviços prestados adquiriu o maquinário e montou uma hidrelétrica na cachoeira do Rio São Francisco, distante doze quilômetros da cidade, substituindo com vantagem o problemático conjunto estacionário da iluminação pública local por ter mais potência e estabilidade e permitindo, assim, a ampliação da rede elétrica pela cidade. Para montagem da usina José Salomão Lemos da Silva e sua esposa, Francisca Jacinto da Silva Lemos, doaram à Prefeitura uma faixa de terras na margem esquerda do Rio São Francisco, no local da hidrelétrica, que beneficiou também a sede de sua fazenda a três quilômetros distantes.

## 2.5 Históricos dos prefeitos eleitos

Em seu mandato, no ano de 1948, Flávio Fernandes de Lima, estabeleceu um ônibus ligando Quirinópolis a Rio Verde e ao garimpo da Mateira (hoje Paranaiguara-Go.) elevada na ocasião à categoria de Distrito; o dito ônibus, três vezes por semana, normalizou o transporte das malas postais entre Quirinópolis e Rio Verde. Também nessa época foi montada na cidade a primeira máquina de beneficiar arroz. Era de um paulista de nome Lázaro Garcia da Silveira, recém chegado no lugar com alguns companheiros e família, dentre eles Geraldo Pereira da Silva que montou a primeira serraria do lugar. Ainda em seu governo, no dia 24 de abril do mesmo ano, em sessão solene, presidida pelo Dr. Paranaíba Pirapitinga Santana, MM. Juiz de Direito da Comarca de Rio Verde, em comissão, foi instalada a Comarca de Quirinópolis; após a brilhante oração proferida pelo Dr. Paranaíba Pirapitinga Santana discursaram vários oradores e dentre eles o jornalista José Seabra Guimarães, o advogado Dr. Galdino Pinaud, o senhor Nelson Americano Freire e outros que congratularam com Quirinópolis e seu povo pela emancipação jurídica. Pouco depois chegou a esta cidade o Dr. Romeu Estelita Cavalcante Pessoa e assumiu a Comarca o primeiro Juiz de Direito da Comarca de Quirinópolis, que tão bem soube aplicar a justiça. Até os dias atuais Quirinópolis teve os seguintes Prefeitos: Hélio Campos Leão, João Batista da Rocha, Joaquim Quirino de Andrade, João Hércules, Fábio Garcia da Silveira, Humberto Xavier, Nerivaldo Costa, Onício Resende, Sodino Vieira de Carvalho, Odair de Resende e Gilmar Alves, atualmente no governo.

Hélio Campos Leão foi eleito prefeito de Quirinópolis por três vezes, exercendo três mandatos governamentais a ele outorgados. Por sua administração, sem dúvida alguma, Quirinópolis muito lhe deve. Eleito pelo Partido Social Democrático – PSD exerceu o seu primeiro mandato de 31 de Janeiro de 1951 a 05 de julho de 1954; o segundo mandato de 31 de janeiro de 1959 a 31 de janeiro de 1961 e o terceiro, ainda eleito pelo mesmo partido político, já com a sigla MDB – Movimento Democrático Brasileiro, de 31 de janeiro de 1966 a 31 de janeiro de 1970. Ao longo de seu governo, dentre os muitos serviços prestados, aperfeiçoou a hidrelétrica municipal e adquiriu da Igreja Católica Apostólica Romana, por meio de seu representante, o Bispo D. Germano da Veja Campom, cinquenta e oito alqueires de terras, no local da cidade, conforme escritura pública lavrada no dia 26 de julho

de 1951, nas notas do Cartório do segundo ofício desta cidade; adquiriu o primeiro caminhão e o primeiro trator de esteira para os serviços municipais e construiu as duas primeiras escolas municipais, o Grupo Escolar Canaã e o Grupo Escolar, que posteriormente recebeu o nome de Olga Parreira; edificou a Praça da Matriz com fonte luminosa (águas coloridas e dançantes ao sabor de músicas clássicas) onde os habitantes poderiam se divertir e aprimorar os conhecimentos sobre a cultura musical mais elitizada, dependências sanitárias, novo coreto e jardins, reservando um local para a instalação de um espelho d'água, onde se criavam patos e gansos; Atualmente a Praça Coronel Jacinto Honório denominada anteriormente Praça do Coreto era somente um largo de chão batido, com um coreto ao centro e algumas palmeiras em volta do mesmo, palmeiras estas que permaneceram no local e se encontram até hoje no meio da praça. Na praça a Igreja comemorava a Festa da Padroeira quando se juntavam o sagrado e o profano. Ao mesmo tempo havia missas rezadas em louvor a Nossa Senhora da Abadia e grande número de barracas dos fiéis que se faziam presentes à festa e um variado comércio que atendia às necessidades tais como comer, vestir, divertir e a aquisição de utensílios para o lar.

Foto 03: Coreto da Praça Coronel Jacinto Honório



Fonte: Acervo particular de Lino da Costa Filho<sup>11</sup>.

Foi o prefeito Hélio Leão quem arborizou e calçou com bloquetes de concreto, fabricados pela própria Prefeitura a Avenida Brasil, calçamentos e meios-fios (guias) com rocha basáltica (paralelepípedos), trechos de várias ruas, tais como a Av. Ruy

<sup>11</sup> Coreto da Praça Coronel Jacinto Honório. Foto do Coreto da praça pertence ao Sr. Lino da Costa Filho. Hoje com 86 anos, entrevista em 13/02/2011. Chegou a Quirinópolis na década de 30, pecuarista. Hoje aposentado, conta a trama e o drama da cidade.

Barbosa, Herculano Costa e Capelinha; organizou o planejamento de água e esgoto, edificou a caixa d'água no alto Leste da Cidade e instalou o telefone e a televisão, criando o DETELQUI – Departamento Telefônico de Quirinópolis, em prédio próprio e, pouco depois, com a extensão de uma linha física até Ipiaçú, no Triângulo Mineiro (antiga região pertencente a Goiás e que se denominava Região da Farinha Podre), passando pelo Distrito de Gouvelândia, no Porto Novo, servia Quirinópolis de comunicação telefônica Interurbana.

Foto 04 Placa e cabos telefônicos alusivos à instalação da rede municipal de telefones em Quirinópolis



Fonte: Acervo particular de Lino da Costa Filho<sup>12</sup>

Ainda na vigência de seu mandato foi inaugurado o Conjunto Habitacional denominado Vila Promissão com cento e oitenta e três casas populares, para o qual, anteriormente, doara o terreno.

<sup>12</sup> Foto: Placas e cabos telefônicos alusivos à instalação de rede municipal de telefones em Quirinópolis, como representação da chegada do progresso e pertence ao Sr. Lino da Costa Filho. Entrevista concedida em 13/02/2011 em Quirinópolis.

O prefeito Helio Campos Leão exercia o seu primeiro mandato governamental que deveria terminar em 31 de janeiro de 1955, quando em meados do ano de 1954, com a aproximação das eleições municipais, confrontavam-se dois fortes candidatos à prefeitura, Joaquim Quirino de Andrade pelo Partido Social Democrático – PSD e João Gonzaga Jaime pelo Partido União Democrática Nacional – UDN. Os dois candidatos estavam mais ou menos equiparados em força eleitoral pelo que se observava nos comícios e reuniões que se realizavam na cidade; na época não era prática comum encomendar pesquisas estatísticas como se faz atualmente. João Batista da Rocha, chefe do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, representante da terceira força política do município, era na ocasião vereador presidente da Câmara Municipal e se mostrava indeciso no tocante ao apoio a um ou outro candidato, por isso conservando atitude plenamente reservada não manifestava sua preferência a nenhum dos candidatos. Segundo as leis vigentes o Prefeito Hélio Campos Leão ficava impedido de tomar parte ativa na campanha.

Nestas condições e considerando a situação política no momento, no dia 05 de julho daquele ano renunciou ao cargo e tomou parte na luta. João Batista da Rocha, na qualidade de presidente da Câmara Municipal, assumiu a prefeitura e governou até 31 de janeiro de 1955. No seu governo abriu trânsito na Rua Capelinha e fez doação de quatro quadras de terreno ao Quirinópolis Futebol Clube – Q.F.C., área que foi posteriormente permutada com a atual que fica na Rua 1 do Conjunto Rio Preto, onde se encontra atualmente o Campo de Futebol do Q.F.C. No entanto, há muitos anos nenhuma atividade esportiva é ali realizada e as instalações que levam o nome do doador da área, o Prefeito João Batista da Rocha, apresentam aspecto de abandono.

Joaquim Quirino de Andrade, prefeito de Quirinópolis de 31 de janeiro de 1955 a 30 de janeiro de 1959 construiu o prédio da Praça da matriz e nele instalou a prefeitura e o Fórum da Comarca. Assim, o prédio passou a funcionar dispo de todas as acomodações necessárias aos cartórios para o bom desempenho e andamento da Justiça (Esse prédio já foi demolido e no local foi construída a sede da Fundação Pelicano, órgão ligado à Maçonaria). Joaquim Quirino construiu ainda o Grupo Escolar José Feliciano Ferreira (depois, Frederico Gonzaga Jayme e hoje Secretaria de Estado da Educação); abriu o trânsito da Avenida Ruy Barbosa e

construiu uma ponte sobre o Córrego do Cruzeiro a fim de ligar as duas partes da cidade.

Ainda em seu governo, por meio de convênio com as Centrais Elétricas de Goiás – CELG, foi instalado na cidade um potente conjunto elétrico estacionário, assim desativando a hidrelétrica do Rio São Francisco. Ainda em seu governo, Geraldo Borges da Silva e Sebastião Jacinto Vieira, no ano de 1955, instalaram a primeira sala de Cinema na Praça da Matriz (hoje sala de eventos Olympus). No ano de 1956 foi adquirido por José Severino dos Santos que o remodelou e funcionou por muito tempo com o nome de Cine Teatro São José.

O Prefeito Joaquim Quirino de Andrade foi sucedido por Hélio Campos Leão, em seu segundo mandato, vigente até 31 de Janeiro de 1961.

João Hércules, prefeito de Quirinópolis, também eleito pelo Partido Social Democrático, governou de 31 de janeiro de 1961 a 04 de abril de 1965. Em seu mandato edificou a nova Cadeia Pública e o novo Prédio da Prefeitura, na Praça São Sebastião (hoje Colégio Educacional de Quirinópolis), deixando no prédio da Praça da Matriz, já com o nome de Praça Coronel Jacintho Honório da Silva, apenas o fórum dispendo de acomodações mais amplas com o sugestivo nome de Palácio da Justiça. Adquiriu também uma nova motoniveladora e outras máquinas e edificou o grande aterro do Córrego do Cruzeiro no cruzamento da Rua Rio Verde (atualmente Rua Herculano Costa) com a Avenida São Paulo (atualmente Avenida José Quintiliano Leão) e promoveu outros serviços. Em seu mandato o povoado situado às margens do Rio Paranaíba, denominado Porto Novo, foi elevado à categoria de Distrito, com o nome de Gouvelândia.

Ainda em seu governo foi instalado em Quirinópolis o primeiro Hospital, a Casa de Saúde do Dr. Borges, que pertencia ao médico Cassiano Borges Neto. Mesmo com uma boa administração o prefeito João Hércules estava pressionado por um processo administrativo que lhe movia o vereador Cristovão Rios Veloso e no dia 04 de abril de 1965 renunciou ao cargo; o vice-prefeito, Joaquim Quirino de Andrade, também renunciou no mesmo dia e o presidente da Câmara Municipal, Fábio Garcia das Silveira, assumiu a prefeitura e governou até 30 de janeiro de 1966, quando entrou em vigor o terceiro e último mandato do Prefeito Hélio Campos Leão. Também no ano de 1966 foi inaugurada a Hidrelétrica de Cachoeira Dourada

que trouxe mais benefícios à cidade de Quirinópolis, pois substituiu com vantagem o velho e grande motor a diesel, operado pelo senhor Franco, pessoa bastante conhecida pelo ofício e que soube cativar o povo.

O prefeito Humberto Xavier foi eleito pela aliança Renovadora Nacional – ARENA e governou Quirinópolis de 31 de janeiro de 1970 a 30 de janeiro de 1973. Em seu mandato promoveu os trabalhos de infraestrutura e asfaltou as duas primeiras vias públicas da cidade, a Rua Rio Preto e a Avenida Garibaldi Teixeira; construiu e ativou escolas da zona rural, adquiriu o terreno para o Matadouro Municipal e iniciou sua construção, além de ter reorganizado o projeto de abastecimento de água na cidade.

O prefeito Nerivaldo Costa, também eleito pela Aliança Renovadora Nacional, governou de 01 de fevereiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977. Em seu governo adquiriu o maquinário e asfaltou várias ruas da cidade; terminou e inaugurou o Matadouro Municipal; projetou e iniciou a construção da rodoviária além de outros benefícios de menor relevo. Na vigência do seu mandato, por um convênio com a Saneago, abasteceu a cidade de água tratada captada do Rio das Pedras, uma obra de grande vulto para a cidade.

Onício Resende foi eleito prefeito de Quirinópolis também pela Aliança Renovadora Nacional e governou de 01 de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983. Em seu mandato adquiriu máquinas novas e asfaltou grande parte da cidade organizou o almoxarifado municipal e montou uma fábrica de manilhas para atender aos trabalhos de águas pluviais na cidade e construiu bueiros na zona rural; murou as quadras poliesportivas existentes nos estabelecimentos escolares da cidade; concluiu a construção da rodoviária municipal, uma das mais modernas do Estado. Construiu as belas avenidas ajardinadas, a Avenida D. Pedro I, a Avenida Santos Dumont, inclusive a Via Leocádio de Souza Reis, via de acesso a Quirinópolis, no alto Leste da cidade; edificou o Ginásio Municipal de Esportes e o conjunto do Hospital Municipal com uma creche e um abrigo para idosos; edificou o Palácio José de Assis onde funcionavam os três poderes municipais; edificou a ponte sobre o córrego Capela Velha, na Avenida da Saudade, via de ligação ao Cemitério Público da cidade, transformando-a em uma avenida ajardinada além de muitos outros serviços, levando a bom termo seu governo. Ainda em seu mandato, por convênio



com a TELEGOIÁS, Quirinópolis passou a contar com o DDI, substituindo o DETELQUI, Departamento Telefônico de Quirinópolis.

O Prefeito Sodino Vieira de Carvalho foi eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB e assumiu o governo municipal em 01 de fevereiro de 1983. Desde o início de seu mandato revelou ser um grande administrador. Colocou em funcionamento o conjunto de Hospital Creche e Abrigo de Idosos construídos no mandato de Onício Resende e o ampliou, instalando uma maternidade e pediatria; reformou as máquinas do município que já apresentavam problemas e adquiriu novas máquinas; construiu a Praça das Crianças e asfaltou a totalidade dos logradouros públicos que ainda não eram asfaltados; tal benfeitoria foi doada aos proprietários dos imóveis beneficiados que a receberam gratuitamente, não obrigando nenhum pai de família que possuía seu imóvel vendê-lo para pagar tal benefício, como aconteceu no governo anterior; levou os trabalhos de infraestrutura até os bairros e vilas da periferia. Juntamente com o deputado estadual Ângelo Rosa Ribeiro conseguiu para Quirinópolis uma faculdade isolada. Construiu para instalá-la o conjunto arquitetônico denominado Palácio da Cultura que abrigava o Teatro Theotônio Vilela e a Faculdade de Educação Ciências e Letras de Quirinópolis- FECLQ, hoje - Universidade Estadual de Goiás – UEG, Unidade Universitária de Quirinópolis; um estádio de futebol e a canalização de partes do Córrego do Cruzeiro. Remodelou a Avenida Brasil em toda sua extensão e aumentou o Campo Santo Municipal onde construiu uma Capela.

## 2.6 Os pioneiros

Não podemos esquecer dos pioneiros que contribuíram para o crescimento desta cidade, orgulho do prefeito e de todos quirinopolitano, como demonstra a citação abaixo. E que por falta de documentos não podemos nominá-los.

A Quirinópolis de hoje, carinhosamente chamada de: Kiri; Cidade do Lago; Portal do Sul é a nova Potência do Sudoeste Goiano por crescer a passos largos e se tornar a cada ano, mais bela e mais limpa... Situada em um local de linda topografia plana 55% ondulada, 35% montanhosa 10% apresenta vastos horizontes e belos panoramas... Goza de um clima mesotérmico e subúmido e a temperatura média anual é de 21°C, com amplitude térmica anual em torno de 6°C (PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, 2010, p. 1).

É um município brasileiro localizado no interior do estado de Goiás, pertencente à mesorregião do sul goiano e à microrregião homônima; localiza-se ao sudoeste de Goiânia, capital do estado, distando desta cerca de 290 km. Ocupa uma área de 3.780 km<sup>2</sup>. Sua população era de 39.756 habitantes em 2009 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com uma densidade Demográfica de 10,1hab./km<sup>2</sup>. Com altitude de 541m e com clima tropical. Além da sede municipal, o município possui o seguinte povoado de Desnislópolis – distante 48 km da sede, com 67 domicílios ocupados e apresentando uma população de 495 habitantes... Localiza-se à 18° 26' 52" S 50° 27' 07" O, pertencente à Unidade Federativa de Goiás, na mesorregião sul Goiano e a microrregião que leva o seu nome: Microrregião de Quirinópolis (PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, 2010, p. 2).

Faz divisa com os municípios limítrofes Bom Jesus de Goiás, Castelândia, Rio Verde, Cachoeira Alta, Paranaiguara, Gouvelândia e Santa Vitória (MG).

Sua área representa 1.1115 % da área do estado, 0.2362 % da área da região Centro-Oeste e 0.0445 % da área do Brasil. Do total de sua área, 7,8955 km<sup>2</sup> é urbanizada 84,42 % de sua população vive em área urbana, sendo que 15,58 % vive na zona rural... Seu relevo é plano e suas terras férteis reúne excelentes condições para a obtenção de bons índices de produtividade na agricultura (PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, 2010, p. 2).

Sua economia é baseada na agricultura e pecuária, com a cultura de cana-de-açúcar em expansão (com a instalação de duas grandes usinas de álcool e açúcar).

A primeira a se instalar no município de Quirinópolis foi a Usina São Francisco que pertencia aos Grupos USJ, mas associou-se ao Grupo Cargill e anunciaram a criação de joint venture em açúcar, etanol e bioeletricidade.

A nova empresa reunirá os ativos industriais do Grupo USJ no Estado de Goiás, representados pela Usina S. Francisco, em operação desde 2007, na cidade de Quirinópolis, e a Usina Cachoeira Dourada, em construção no município de mesmo nome. Da mesma forma, passará a ser sucessora dos contratos de fornecimento de cana-de-açúcar mantido com produtores da região. Parte do capital investido pela Cargill na joint-venture será utilizada na conclusão da Usina Cachoeira Dourada, que deverá entrar em operação na safra de 2013, além de outros aprimoramentos na Usina S. Francisco. Após a conclusão dos investimentos, a capacidade para processamento de cana-de-açúcar das duas usinas juntas será de 7,5 milhões de toneladas por ano, e produzirão açúcar e etanol, além de unidade geradora de energia elétrica a partir de bagaço de cana, com capacidade para gerar 120 MWH, dos quais 1/3 para atender a sua própria demanda e os 2/3 excedentes destinados ao sistema de energia elétrica. Segundo Marcelo Andrade, diretor do negócio açúcar e etanol da Cargill no Brasil, o investimento vai ao encontro da estratégia da Cargill neste segmento. 'Tratam-se de duas usinas novas, com escala de produção competitiva, em uma região que adota práticas modernas de plantio e colheita 100% mecanizados', lembra o executivo, ao comentar também ser esta uma das regiões do país de maior potencial de crescimento para este setor. "Nosso objetivo em Goiás sempre foi transformar a região em um pólo de produção sustentável de alimentos e

energia renovável, a partir de cana-de-açúcar, desenvolvendo também a cadeia produtiva na região', afirma o presidente do Grupo USJ, Hermínio Ometto Neto. O Grupo USJ contou com assessoria financeira do Banco Votorantim e Banco Itaú BBA. Segundo Hermínio Ometto 'A parceria com a Cargill significa um importante passo em nossa estratégia de crescimento'. (USINA SÃO FRANCISCO, 2011, p. 1)

## E a Usina Boa Vista

Inaugurada em 2008, a Usina Boa Vista, situada em Quirinópolis (GO), é considerada uma das mais modernas do mundo por sua avançada tecnologia para a produção de etanol. Com colheita 100% mecanizada, que não promove a queima da cana-de-açúcar para a sua extração, a usina foi a pioneira no Brasil em combinar práticas modernas e sustentáveis, tanto nas suas operações quanto com as comunidades da região. Presente em uma área de 1,7 milhão metros quadrados, sendo 23 mil de área construída, a usina possui layout projetado para futuras expansões de suas operações com o objetivo de ampliar a sua capacidade de processamento de cana. Um de seus destaques é o COI (Centro de Operações Industriais), uma sala de comando que apresenta o status em tempo real de todos os processos em andamento na indústria 24 horas por dia, de forma ininterrupta. No local são gerenciadas operações como extração e tratamento do caldo de cana, fermentação, destilação, armazenagem, geração de vapor, geração de energia elétrica e ar comprimido, tratamento de água e efluentes, entre outras. **Nova Fronteira:** em junho de 2010, o Grupo São Martinho e a Petrobras Biocombustível se uniram para formar uma parceria voltada à produção de etanol na região Centro-oeste do Brasil, criando assim, a Nova Fronteira SA. Além de 49% da Usina Boa Vista, o negócio compreende 100% do projeto de Greenfield SMBJ S.A., também localizado em Goiás. A Usina Boa Vista recebeu um aporte de R\$ 420 milhões da Petrobras Biocombustível para acelerar o crescimento das suas operações. Por meio de investimentos de R\$ 700 milhões previstos para acontecer até a safra 2014/2015, a expectativa é de que a Usina Boa Vista alcance a marca de 8 milhões de toneladas moídas ao final desse período.

Com a instalação das agroindústrias sucroalcooleiras e com a possibilidade da chegada da ferrovia o sudoeste goiano e em especial Quirinópolis tem registrado um crescimento acima da média nacional. Trata-se de um região que detém grande produção de grãos e agora desponta como grande produtora de bioenergia, onde se instalam grandes projetos de produção de etanol e a ferrovia será fundamental para assegurar maior competitividade aos produtos.

Com o crescimento populacional e urbano da cidade muitos bairros foram surgindo ao longo dos anos. Depois do Centro, os bairros mais antigos da cidade são o Municipal, Promissão e Vila Parreira. O maior e mais populoso bairro da cidade é o Hélio Leão, já o Esmeralda é o menor bairro em extensão territorial e Rio das Pedras é o menos populoso.

### **3 OS GRUPOS SOCIAIS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUIRINÓPOLIS**

O objetivo deste capítulo é verificar como se deu o desenvolvimento do sudoeste goiano, em especial o município de Quirinópolis. O estudo compreende parte do século XIX e a primeira década do século XXI. É preciso conhecer primeiramente a história do Brasil para descobrir que forças e movimentos sociais atuavam e influenciaram a vinda de contingentes populacionais para Goiás, especialmente Quirinópolis.

Segundo Hamilton Oliveira (2006, p. 27-8) com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808.

Determinou-se o fim do monopólio colonial e com a abertura dos portos brasileiros ampliou-se a possibilidade de crescimento econômico da região sudeste que se dedicou à produção para o mercado externo e interno. Nesta perspectiva, a população do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente entre 1808 e 1822, e Minas Gerais tornou-se o principal mercado produtor de produtos agrícolas para o abastecimento do Rio de Janeiro.

Para Bergad (apud OLIVEIRA, 2006, p. 29):

Estes fatores podem ter sido determinantes no processo migratório de Minas para Goiás, iniciando no século XVIII e intensificando-se durante o século XIX. Com a falta de terras, milhares de famílias mineiras se deslocaram para o oeste e norte e São Paulo, norte, oeste do Paraná, norte e noroeste de Minas Gerais, sul de Goiás e Mato Grosso 'As regiões sul e sudeste de Minas cresciam mais depressa que as outras e a agropecuária dominava as economias locais na vasta comarca do Rio das Mortes do sul'.

Criadores e rebanhos partindo de São Paulo e Minas penetravam em território goiano pelas rotas dos primitivos mineradores fazendo,

Segundo Bruno (apud OLIVEIRA, 2006, p.29-30):

do Arraial do Desemboque, perto de Araxá, (região que então pertencia a Goiás) um destacado centro e criação de gado. De Minas Gerais e Goiás o processo de ocupação a partir da pecuária alcançou também o Mato Grosso, ocupando os campos de Vacaria, no sul, onde se formaram as primeiras fazendas pastoris que se converteram ao mesmo tempo em importantes focos de distribuição de gado.

O que caracteriza que no sudoeste goiano a ocupação se deu essencialmente a partir da pecuária extensiva e grandes extensões de terras.

### 3.1 Histórias e histórias do Sudoeste Goiano

A entrada para o sudoeste goiano se deu pela cidade de Itumbiara que surgiu por meio da iniciativa do General Cunha Mattos, presidente da Província de 1823 a 1824, o qual mandou construir uma estrada ligando Anhanguera a Uberaba, em 1824. Foi construído um Porto no Rio Paranaíba onde se formou um povoado.

Durante o século XIX o povoado ficou conhecido como Porto de Santa Rita. “Foi levado à categoria de Vila pela Lei Estadual nº 349 de 16 de julho de 1909, desmembrando-se do município de Morrinhos. Em 1943, passou a chamar-se Itumbiara” (OLIVEIRA, 2006, p. 39)

Neste período a prática de doar terras a uma paróquia ou a uma comarca (Patrimônio) era uma das formas dos grandes proprietários legitimarem suas posses, valorizarem suas propriedades e terem apoio das autoridades locais em caso de litígio (SILVA, apud OLIVEIRA, 2006, p. 41).

Segundo Oliveira (2006), que cita estudos realizados por Maria de Souza França, “entre os anos de 1870 e 1900 houve um crescimento populacional na região sul em decorrência da migração procedente de São Paulo e Minas Gerais”. Período em que grande parte das cidades do sudoeste goiano foi formada. Maria de Sousa França (Apud OLIVEIRA, 2006, p. 104-5) salienta:

As funções econômicas dos centros urbanos nesse período se restringiam à prestação de serviços, limitando-se à circulação de bens por vias e meios de transportes rudimentares e arcaicos, no ritmo das comitivas dos tropeiros e boiadas. Devido a distância dos mercados mais distantes, o desenvolvimento urbano de Goiás era lento.

Em função do intercâmbio local e inter-regional a circulação de bens era feita por meio de animais cargueiros, sendo 'atividade surgida há quase 300 anos. No fim do século XVII' (TROPEIRISMO, 2011. p, 1)

Era um sistema de transporte de capital e de grande importância para o desenvolvimento econômico e social do Centro Sul. Tinha como finalidade carregar riquezas para a orla marítima (a princípio produtos minerais e depois produtos agrícolas) e refluir transportando o que fosse necessário às pequenas cidades interiorizadas, por isso os povoados se preparavam para recebê-los.

Os centros urbanos equipavam-se com ranchos, conhecidos pela denominação de pousos de tropeiros. Estes ranchos constituíam em ponto de alojamento das comitivas de tropeiros, dispendo de pastagens nas suas imediações. Esta modalidade de serviço correspondia ao complemento essencial aos serviços de comunicação e transporte (FRANÇA apud OLIVEIRA, 2006, p. 104-5).

Como é o caso de Quirinópolis e outras cidades do sudoeste goiano.

Em Quirinópolis, a criação de gado foi a principal atividade econômica até a metade do séc. XX (fins dos anos de 1950). Nessa trajetória, os homens que tocavam grandes manadas de gado bovino moldaram as práticas socioeconômicas e culturais que vieram a contribuir para a construção de um tipo de imagem na chamada bovinocultura (CORRÊA, 2010, p.279).

Imagem estaque se fixou no imaginário das pessoas e permanece como referência da cultura de Quirinópolis, com veremos no próximo capítulo.

### 3.2 A ocupação do Sudoeste goiano pela pecuária extensiva

A maioria dos proprietários de sesmarias possuía apenas títulos de posses, não sendo estas demarcadas judicialmente. Eram mal cultivadas e mal aproveitadas, pois faltava mão de obra e capital para investir na lavoura e mercado interno para comercializar os produtos agrícolas.

Durante o século XIX a povoação do Sudoeste de Goiás aumentou devido à vegetação (grandes extensões de pastagens naturais e terras agricultáveis nas margens dos rios e no sopé dos montes) e pelas migrações dos Estados vizinhos. Os índios diminuíram e não existiam estrangeiros vindos incentivados pelas colônias agrícolas desenvolvidas pelo governo imperial.

Podemos afirmar que o sul da antiga Província de Goiás era espaço privilegiado dos Kaypó e dos Goyá... vaguearam por muito tempo ao longo do vale do Tocantins, até praticamente desaparecerem do território goiano-tocantinense exauridos pelas guerras e batalhas travadas contra colonos invasores numa relação desigual de forças (GOMES, 2005, p. 49).

Foi a pecuária que possibilitou a ocupação do sudoeste, pois ela necessitava de poucos recursos financeiros e havia pastagens naturais e abundantes para o gado. Porém, seu caráter extrativista, latifundiário e predador fizeram com que sociólogos, economistas, geógrafos e historiadores transmitissem à posteridade uma imagem muito negativa da atividade.

Mas existe um estudo clássico de Valverde (1985, p. 05) afirmando que “a pecuária trouxe ralos efeitos sobre o meio circundante, porque moldou-se a ele; foi ocupação de pouco trabalho e escassas exigências técnicas”.

Caio Prado Jr. (1962, p. 56) ratifica a afirmativa acima ao afirmar que “comparando a amplitude da área ocupada pelo gado com o baixo emprego gerado e a miserável produtividade”, mas o que se observa é que houve enriquecimento das famílias e o desenvolvimento da atividade da agropecuária.

Mesmo assim veio a interpretação da pecuária bovina como pouco menos que uma praga dos campos brasileiros, pois quando não está se movendo tocada por incêndios ateados pelos fazendeiros ou pela fome dos bois, está afrontando

posseiros e sitiantes ou tomando terras para garantir seu exclusivo domínio. Em geral os autores destacam também as poucas contribuições da criação de gado e destacam que serviu apenas para interiorizar o povoamento, produzir alguns magros surtos de riqueza e construir uma sociedade mais móvel que a *plantation* clássica.

Estas considerações não deixam de ser parcialmente verdadeiras. Porém, é preciso considerar alguns aspectos, pois, afinal de contas, a pecuária teve tanto de ajustado ao meio quanto as lavouras de coivara ou tocos; foi um sistema de produção bem adaptado. Além disso, a pecuária criou relações sociais e comerciais muito próprias que ficaram historicamente ofuscadas pela exuberância da *plantation*.

É no bojo do desenvolvimento da pecuária que o comércio de importação e exportação de gado intensifica-se e cria espaço para o trabalho dos tropeiros e carreiros. Como afirma Leon Alves Corrêa (2010, p. 279):

Há que se lembrar também que se no passado, a condução de gado levava meramente animais para o consumo, com o passar dos tempos as comitivas evoluem no sentido de transportar não mais um apêndice, mas um componente econômico independente de qualquer outra atividade, pois os bovinos constituem um tipo de mercadoria que acaba por fomentar as atividades comerciais.

Certo mesmo é que a pecuária exigiu muito trabalho e nem sempre são corretas as associações entre criação e ócio, a pecuária e o fazendeiro absenteísta<sup>13</sup>, o gado e a estagnação técnica. Apesar do serviço direto não recair sobre o fazendeiro cabia ao vaqueiro campear por vastas extensões, dominar muitas técnicas e enfrentar uma natureza hostil e incerta. Por isso, nas regiões de pecuária surgiram muitas lendas.

O Sudoeste goiano, com pastagens naturais e a proximidade com o mercado consumidor de Minas Gerais e São Paulo, passou a ter como economia básica a atividade agrária de subsistência. A predisposição para a pecuária também é explicada por: 1- Grandes extensões de terras, 2- O gado se auto-transporta até o mercado consumidor, 3- Utiliza pouca mão de obra, 4- A pecuária é extensiva, 5- Necessita de pouco investimento.

---

<sup>13</sup>Absenteísmo = 1. Hábito de estar frequentemente ausente de um local (de trabalho, estudo, etc.). (MINI AURÉLIO, 2001).



Com o desenvolvimento trazido pela pecuária houve aumento da população.

Os migrantes vinham do Pará, Maranhão, Bahia e Minas. Surgiram novos centros urbanos: Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia (Rio Bonito), Quirinópolis, etc (PALACÍN; MORAES, 1989, p. 58).

Ainda segundo os autores acima (p. 58) “registrou-se nesse período uma média de exportação anual superior a 20.000 cabeças de gado vacum, além de muares”.

Porém, outra força de atração para o sul de Goiás foi que desde o início do século XIX já circulavam informações que o sertão de Goiás possuía terras férteis e boas para a agricultura, além de grandes áreas de pastagens naturais para o gado, fator este que atraía famílias inteiras para a região, como afirma Gilson Xavier de Azevedo (2010, p.89).

No final da década de 1930, em busca de terras, tendo como informação que o sertão de Goiás possuía terras muito boas e férteis para a agricultura, o pai de Jacintho Honório (José Jacintho) veio para o sul de Goiás.

Também a lei de incentivo criada pelo Governo Provincial é um fator importante.

Pela Lei de nº 11 de 05 de setembro de 1838, o governo provincial isentou pelo espaço de dez anos os habitantes que viessem estabelecer na região do sudoeste de Goiás, do pagamento de Dízimos de miúças<sup>14</sup> e impostos da criação do Vacum e cavalos (CUNHA NETO, 1993, p. 28-9)

Outro fator que ocasionou afluência de famílias de Minas Gerais e São Paulo foi a proximidade com os mercados consumidores de Minas Gerais e São Paulo.

Este estudo investiga a pecuária extensiva do sudoeste goiano a partir de meados do século XIX, a relação da pecuária com o ambiente, o comércio de gado; os trabalhadores da fazenda e, por último, analisa os comerciantes de gado e o

---

<sup>14</sup> Miúça = *Pequena porção ou fragmento; (Brás., Nordeste) designação dada pelos sertanejos aos gados caprinos e ovelhum pl. dízimos que se pagavam em gêneros por miúdo: galinha, ovos, leitões.* (LIMA, 1957, P. 818)

complexo sistema de negócios. O estudo descreve ainda uma sociedade pautada pela ambigüidade e produzida pelo encontro entre novidade e tradição, paternalismo e trabalho, domesticidade e comércio, simbolizada pela velha fazenda.

Compreender a pecuária na sua relação com o ambiente é revelar que esta atividade não era estática, já que incorporou às suas próprias custas e riscos muitas inovações técnicas que vieram, afinal, fazer sua fama e algumas fortunas.

O então Coronel José Jacintho, ao comprar as tais terras, passou-as à administração quase imediata dos filhos, Jacintho Honório e para o Adão Jacintho e o Manoel Jacintho; Os demais filhos pegaram terras na região da Mateira. Alguns dos filhos não quiseram mudar-se para a região por alegarem que a vida da roça é muito difícil; por certo acostumados às regalias de cidades maiores como Passos, em Minas Gerais só se dobraram à vontade do pai bem depois, mas em função do progresso dos pioneiros em relação à agricultura e finanças (AZEVEDO, 2010, p.90.)

A criação usou predatoriamente recursos naturais. Mas, em face da predação praticada nas roças e visto pela lógica que movia o posseante pioneiro e o fazendeiro de gado não havia desperdício, porque eram recursos tão livres, fartos, acessíveis, redundantes que seria impensável poupá-los naquele momento. Abria-se a mata para moldar humanamente a paisagem rural, garantir sustento e até construir patrimônio familiar; era, acreditava-se, uma benfeitoria.

### 3.3 Os modos de vida

A organização da produção e do trabalho na criação de gado revela muito dos mitos rurais e da sua dinâmica. O comércio de gado é estudado analisando-se as características mercantis e não-mercantis da fazenda. Nota-se aí a ambigüidade de fazenda e do fazendeiro, já que este é um hábil manipulador de símbolos do poder e dos recursos que produzem a riqueza.

Os fazendeiros e comerciantes de gado montaram uma complexa arquitetura de sistema de trocas. De novo, aqui, emerge uma personagem tão ambígua quanto o fazendeiro, produzido por encontro de novidade e tradição, paternalismo e trabalho, domesticidade e comércio, que foi, afinal, a velha fazenda de gado.

No Sudoeste goiano, até meados do século XX, a fazenda era um mundo: dezenas, às vezes, centenas de moradores, os agregados<sup>15</sup>, empregados na produção variada de mantimentos e pastagens que não respeitavam limites.

Na produção agrícola eram os moradores que derrubavam as matas e plantavam roças e recebiam parte da produção como pagamento. Deixavam as terras preparadas para as pastagens.

O gado nas fazendas exigia um acompanhamento regular, embora inconstante. Solto nos pastos, ficava desacostumado às pessoas, bravo e arisco; era preciso vigiá-lo e os vaqueiros faziam isso todos os dias, apesar de não acompanharem as mesmas reses.

Os vaqueiros vigiavam áreas, retiros, pastos, mangas, grotas ou currais – os nomes variavam de onde costumavam ficar certos grupos de gado. Este serviço exigia a viagem até o pasto, às vezes viagens de léguas e constantemente alguma rês carecia de trato, apartação ou medicação.

O gado pastava longe na solta, alongado, dizia-se – e de tempo em tempo era preciso juntá-lo para apartação, castração, ferra ou venda; então demandava meses, às vezes, de rotina perigosa. Foi esses campeiros que fizeram da sorte do vaqueiro a mais famosa de todas as ocupações do campo.

Era impossível o controle do trabalho, somente a valorização cultural, a domesticidade e a subordinação pessoal do trabalhador ao fazendeiro poderiam garantir uma gestão eficiente do sistema de produção.

A proximidade era a condição para o controle do trabalho, pois em ofícios artesanais, apenas as relações hierárquicas e domésticas ou o controle do produto do trabalho permite administrar convenientemente o trabalhador. O fazendeiro que não podia gerir o trabalho artesanal geria o trabalhador que a fazenda moldava.

Com a vida aventureira e coragem posta todo dia à prova os vaqueiros deram assunto para uma crônica que separou a sua das outras atividades rurais; fizeram seu prestígio as lidas com bois curraleiros dentro de macegas e capoeiras.

---

<sup>15</sup>Agregado: Lavrador pobre estabelecido em terra alheia mediante certas condições (LIMA, 1957, p. 39).

Quando suas aventuras são comparadas a dos agregados que moravam e faziam suas roças na fazenda e levavam a vida na regularidade farta das lavouras e à distância da casa da sede, pode-se entender porque ocuparam posição ímpar nas fazendas, histórias, lembranças e cultura.

Então, embora a fazenda de gado seja parte menor da historiografia do campo brasileiro a lenda do vaqueiro se esparrama pelo imaginário deste rural. Visto na memória do fazendeiro, na lembrança do agregado, nos casos contados nas antigas zonas de pecuária e nas festas de peão de boiadeiro, que até hoje acontecem Brasil afora; o vaqueiro se agiganta, transforma-se no maior dos personagens e se iguala em expressão à fazenda de gado porque é seu símbolo; marca histórias e produção cultural.

Com a habilidade dos grandes proprietários em manipular símbolos do poder e dos recursos que produzem a riqueza conseguiram manter a tradição e o bom funcionamento da propriedade e por meio da divulgação das aventuras dos vaqueiros em suas lides conseguiram a permanência desta manifestação cultural que ainda pode ser verificada na cidade Quirinópolis ao longo do ano e principalmente no período da Festa do Peão de Boiadeiros é comum ver nas ruas da cidade desfile de famílias inteiras, inclusive crianças e grupos organizados e uniformizados.

Embora a festa já tenha sido apropriada por políticos que ajudam a promovê-la a tradição rural permanece com bastante força, pois os trabalhadores rurais e urbanos se juntam para participar da festa e cavalgar em bois, cavalos e mulas<sup>16</sup>, pelas ruas da cidade, caracterizados de peões de boiadeiro.

---

<sup>16</sup>Mula = Mamífero perissodáctilo estéril, híbrido de jumento com égua ou de cavalo com jumenta (FERREIRA, 2001, p. 508).

Foto 05 – Desfile de cavaleiros na VII Festa do Peão Boiadeiro de Quirinópolis



Fonte: Acervo particular de José Feliciano Martins<sup>17</sup>

Na foto verifica-se que uma família inteira participa do desfile de abertura.

Foto 06 Grupo Organizado de Peões



Fonte: Acervo particular de José Feliciano Martins

Nesta outra foto nota-se um grupo uniformizado participando do desfile de Quirinópolis.

---

<sup>17</sup> Desfile de Cavaleiros pertence ao Sr. José Feliciano Martins. Hoje com 72 anos. Entrevista em 07/08/2011 representação da tradição de família tem o seu filho Helio e seus netos Lindomar e Helio Junior.



Foto 07 - Crianças participa do desfile



Foto: Acervo particular do autor e representa a tradição da Região da Pedra Lisa<sup>18</sup>

Esta foto nos dá a dimensão concreta da representação que ainda se manifesta em Quirinópolis - a criança junto com a família está participando, vestida a caráter e montada em um pônei, animal de baixa estatura e próprio para a criança desenvolver suas habilidades de vaqueiro.

Foto 08 desfile com Carros de Boi e Carroças



Fonte: Acervo particular do Autor<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Grupo de Peões da Região da Pedra Lisa. O que representa a força da tradição, inclusive com crianças participando; o que garantirá a perpetuação da tradição.

<sup>19</sup> A Tradição na avenida: Carros de Bois e Carroças representa a importância da tradição boiadeira na sociedade Quirinopolitana.

Nesta foto podemos observa-se que há participação de carros de bois, carroças e animais de forma organizada, inclusive uniformizada. Portanto ela pode, sem dúvida, ser entendida como uma representação daquela sociedade, um acerto das contas entre o cortejo e a comunidade que aplaude ou vaia a participação que está sendo feita, mas que representa a manutenção da tradição do vaqueiro.

A festa também pode ser entendida como um momento de inversão dos lugares ocupados pelas pessoas nessa sociedade. O oprimido ou marginalizado nos dias de festa se torna o herói, principal personagem, valoriza-se simbolicamente aquele que no cotidiano é subordinado. É possível entendê-la como homenagem que os recém-urbanizados prestam ao vaqueiro e ao boi: o vaqueiro-herói que puxa o cortejo enfrenta um Boi bravo e o derrota. Fica uma vez por ano e simbolicamente dono das ruas e de um espetáculo que foi seu nas mangas de pasto, onde sempre foi o rei.

Com a festa toda a sociedade cultiva a história da fazenda porque vaqueiro não existe sem fazenda e a fazenda espalha a lenda do vaqueiro e a sua própria. Essa lenda é alimentada por duas circunstâncias: a complexidade da tarefa e a proximidade que mantiveram com fazendeiros e a casa de sede. O trabalho era artesanal, executado e controlado por ele mesmo - um saber.

O gado era, ainda, outro domínio com manias e segredos. Quando um vaqueiro saía para dar um campo dificilmente sabia o que encontraria e sua habilidade estava em improvisar nas mais difíceis situações.

Ao contrário dos demais trabalhadores de uma fazenda o vaqueiro labutava com o indócil. O gado criava seus ritmos próprios, independente da sucessão de seca e água, dos agregados cultivando suas lavouras de mantimentos; soltar os bezerros de leite na manhã antes de ir dar um campo era a única rotina num dia de serviço.

Podia encontrar vaca parida dando testa para topada, garrote caído em valeta, garanhões se retalhando em brigas, gado fugido de manga, bezerro novo com bicheira; sabia pouco do que o esperava, o que seria seu dia; mas, certo, era gastar o tempo num serviço extenuante, cheio de desafios; aí, era a hora em que fazia prevalecer sua arte e depois divulgá-la. A arte do vaqueiro era, com razão, saber dos mais considerados; vaqueiro foi o oficial de um artesanato.

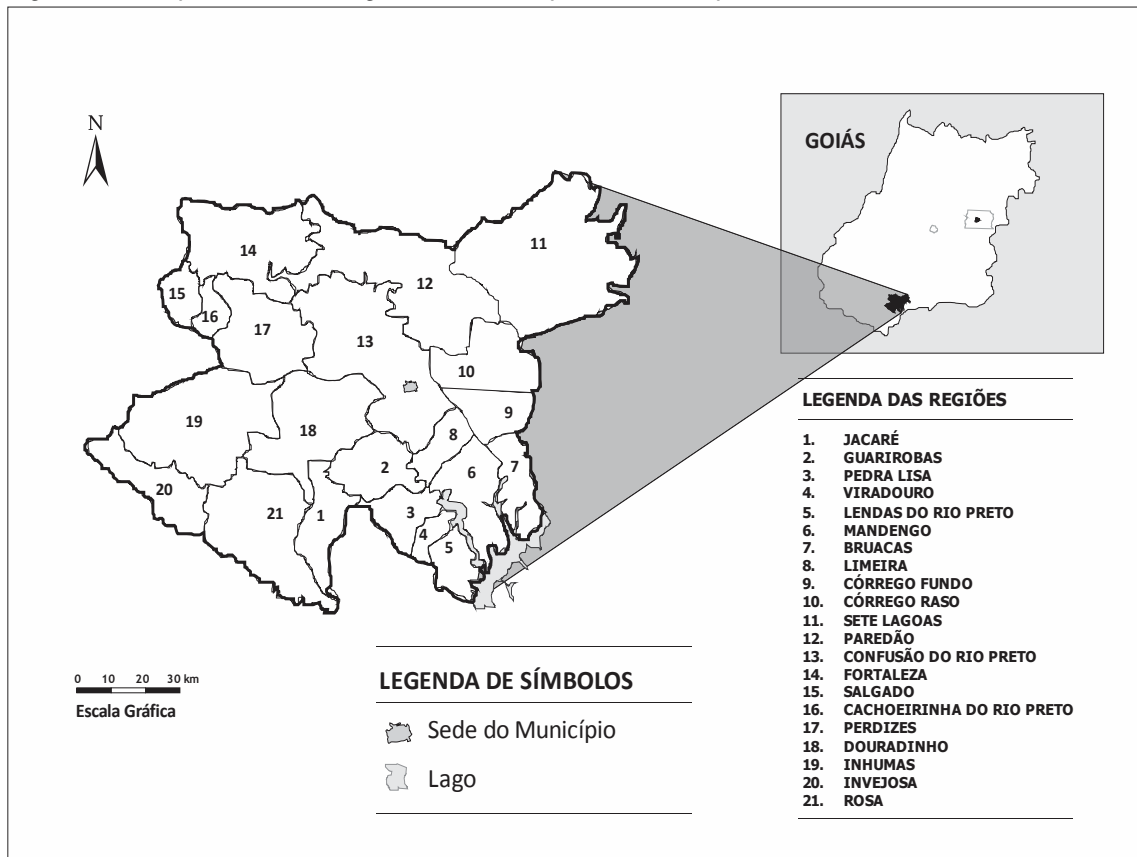
A estabilidade temerária e artesanal do trabalho com gado produziu um trabalhador especializado com algumas tarefas diferenciadas repartidas ao longo do ano: apartação, junta e regularidades profundamente irregulares marcaram o cotidiano de um vaqueiro de pecuária na solta, pois ao contrário do lavrador o vaqueiro era requerido o ano inteiro, sem lazer ou rotina, num trabalho cuja sequência era aventura e o risco.

Daí veio a mística e a lenda dessas “sociedades rústicas dos vaqueiros.” Mais que lendas e místicas os grandes proprietários de terras retalharam o município de Quirinópolis em sub-regiões e o nome de algumas daquelas permanecem até hoje.

Dessa retalhação do município em subregiões que permaneceu até os dias de hoje com poucas variações servirão aos proprietários de terras manter suas tradições e formas de produção, baseadas na qualidade das terras. A regionalização teve como pressupostos os usos do solo, quer seja agrícola ou pecuária, de cada área, juntamente com os costumes e tradições trazidos pelos migrantes, fator este que resultou em vinte e uma sub-regiões.



Figura 03: Mapa das microrregiões do município de Quirinópolis



Fonte: ARTGEO, Ribeirão Preto, SP (1984);  
Elaboração e digitalização de Leon Alves Corrêa (2001)

Mesmo antes de a paróquia ter construído a nova igreja e possuir estrutura para acolher os padres que vinham de Rio Verde para missas e celebrações de casamentos e batismos uma vez por ano as sub-regiões já eram uma realidade, conforme afirma Gilson Xavier de Azevedo (2010, p. 92).

Na época, o município já possuía diversas regiões, das quais D. Maria aparecida menciona a região das Sete Lagoas (cujo festeiro era o Sr. Aprígio Andrade, Lajeado (Jacinto Honório), no Bálamo (José Salomão Lemos), Pedra Lisa (Antônio Estevão), a Fortaleza (José Quirino Cardoso), Água Limpa (Os Pires) e a região da Ronda (Os Andrades)... Após a inauguração da Igreja, as comissões e os festeiros continuaram a trabalhar para integrar as pessoas, promovendo os festejos em honra a Nossa Senhora da Abadia (15 de Agosto) e São Sebastião (20 de Janeiro).

Santos Borges (2010, p. 34) corrobora com os autores acima, afirmando que

A regionalização teve como pressupostos os usos do solo, quer seja agrícola ou pecuária, de cada área, juntamente com os costumes e tradições trazidas pelos migrantes e resultou num total de vinte e uma sub-regiões, as quais são: Jacaré; Guarirobas; Pedra lisa; Viradouro; Lendas do Rio Preto; Mandengo; Bruacas; Limeira; Córrego Fundo; Córrego Raso; Sete Lagoas; Paredão; Confusão do Rio Preto; Fortaleza; Salgado; Cachoeirinha do Rio Preto; Perdizes; Douradinho; Inhumas; Invejosa e Rosa, como mostra a figura 15.

Baseado na fala de Gilson Xavier Azevedo pode-se afirmar que essa divisão surgiu mesmo com a vontade dos pioneiros em manter a propriedade unificada, além do controle político e social da sua região.

Região povoada, por famílias tradicionais e segundo moradores, prepotentes, fazia-se um controle de novos habitantes na região. O Padre Antonio Dias e sua caravana, chegando à região, logo se desentendera e foram expulsos. Outro caso foi o do paulista Gustavo Lemos que tendo chegado à região com sua família entrou em contenda com João Crisóstomo e talvez, em consequência disso, tenha sido assassinado em 1843 (AZEVEDO, 2010, p. 89-90).

Mencionadas as subdivisões permanecem e já são bem aceitas pela população, sendo esta a forma organizacional propícia para a administração municipal que pode planejar suas intervenções por setores ou subregiões.

### 3.4 Cultura e tradição do município de Quirinópolis

Outro aspecto da formação de Quirinópolis e que se mantém muito forte na sua cultura é a pecuária que aconteceu no Sudoeste de Goiás em meados do século XIX e continuou sendo uma atividade vinculada à natureza como a lavoura: sua expansão foi baseada na apropriação de recursos do ambiente e a princípio era

mesmo dependente da lavoura. Mas, ao contrário desta, sempre manteve algum vínculo com os mercados, o que certamente explica as suas notáveis transformações técnicas.

A expansão deve-se à combinação entre a pecuária e a lavoura. Não havia recompensa para quem derrubasse matas e formasse pastos, processos trabalhosos e caros; derrubava-se para produzir mantimentos; a criação de gado vinha depois sobre uma terra já amansada. A pecuária manteve uma associação forte, embora não exclusiva com abertura de mata ou como a lavoura e a posse surgiam depois delas. Não foi, então, a criação de gado que abriu matas do sudoeste goiano; pelo contrário, resultou das pastagens naturais e depois da abertura feita por lavradores.

A criação exigia pastos naturais e terra desmatada. Os agregados e suas roças móveis de coivaras é que deixavam para trás capoeiras ou pastos e deram as condições para o sistema de criar alongado que fez a fama dessas áreas, foi a base do seu negócio e às vezes do seu sustento.

A pecuária herdou benefícios da agregação e da posse que foram geradores da aberturas nas matas, frente de expansão constante, oferta permanente de mão de obra, tais como batedores de mangas, cerqueiros, valeiros e recurso cativo para formar pastos novos nos terrenos amansados como relata Alan Domingues da Fonseca (2010, p.288):

Os limites entre as propriedades eram os naturais (rios, ribeirões, córrego e serras) e os convencionados. Como não havia cercas de arame, e a mão-de-obra dos escravos era de graça, construíam-se valos como limites convencionados. Os valos tinham profundidade de 9 (nove) palmos e largura de 10 (dez) palmos, dimensionamento suficiente para conter o raquítico gado da época. Ainda existem raros vestígios destes valos; um deles na Fazenda Fortaleza, rasgado entre o ribeirão Fortaleza e a borda da serra do mesmo nome.

O convívio entre agrego<sup>20</sup> e criação deixou registrados poucos conflitos até meados do século XX; a posse ou o uso transitório da terra deveria já fazer parte da lógica do lavrador itinerante e pressionado pelo gado o sistema acabou por ficar marcado pela complementaridade. Na metade final do século a contradição ficou

---

<sup>20</sup>Agrego = Agregado: Lavrador estabelecido em terra alheia (FERREIRA, 2001, p. 31).

patente, pois as terras perderam em fertilidade e ganharam no preço, a pecuária alongada e o agrego desapareceram, desabou todo o sistema.

A destruição da combinação estável da pecuária com a lavoura liquidou aquilo que fizera possível a fazenda e seu mundo.

Apesar de ser considerada por estudiosos uma exploração tecnicamente estagnada a pecuária do sul de Goiás passou por algumas transformações importantes no manejo de pastagem e, principalmente, dos rebanhos. A qualidade e a produtividade que a criação de gado no sudoeste goiano mostra em fins do século XX resultam dessas mudanças que acrescentaram ao seu caráter extensivo os melhoramentos que ampliaram a produção, mas que mantêm um caráter tradicional, criado e divulgado pela própria fazenda e fazendeiros: o estilo peão de boiadeiro.

A primeira mudança foi na capacidade de suporte das pastagens. Os pastos nativos de campos que os criadores pioneiros encontraram nunca serviram para alimentar muito gado porque suas densidades, palatabilidade e constância não eram das melhores. Eles produziram à base de fogo frequente: depois de queimados brotavam tenros e forneciam pastagem por curto período. Nas terras férteis de cultura usadas para pasto era plantado o

capim-de-pernambuco, que é o nome popular de uma planta da família das Poáceas também chamada de grama-de-macaé, grama-de-marajó e grama-de-pernambuco. O nome científico do capim-de-pernambuco é: *Paspalum Mandiocanum*. Pasto baixo e duro... Desde o começo do século XIX, outro capim que expandia com a fronteira agrícola, invadindo as roças abandonadas na trilha do povoamento era o meloso ou gordura –*Melinia minutiflora*– de origem africana (OLIVEIRA, 2006, p. 31).

O meloso, apesar da sua razoável capacidade de suporte e boa aceitação pelo gado apresentava alguns inconvenientes: muito sazonal, pouco tolerante às altas temperaturas e nada resistente ao fogo.

3.5 As conjunturas econômicas, as transformações no pastejo e o melhoramento dos rebanhos.

A segunda grande transformação no pastejo ocorreu de 1910 em diante com a introdução do capim-colonião (*Panicum maximum jacq*) que se tornou o símbolo da boa pecuária. O colonião, como quase todos os capins de pasto do Brasil, veio da África.

É uma gramínea alta, resistente a pragas, fogo, secas e tem excelente aceitação por bovinos e equinos. Sua outra grande vantagem é a propagação por sementes minúsculas levadas por vento e pé de boi; esparramou-se por todo o baixo sudoeste goiano por ser capim bem enraizado e suportar pisoteio todo o ano, sem problema para rebrota. Implantado numa área, multiplica-se rapidamente e resiste por muitos anos.

Ele operou milagres na terra fértil do sudoeste goiano, mas carecia tratá-lo com zelo, conservá-lo livre da rebrota das capoeiras e dar folgas ao pisoteio para mantê-lo viçoso.

Nos tempos do colonião produtivo os vaqueiros receitavam que um pasto bom precisava só de três “fês”: foice, fogo e folga. Foice era serviço de agregados nas empreitadas que ocupavam uma parte do tempo de não-trabalho das lavouras. Folga era decisão de vaqueiros: os mais sábios deles aprenderam que não podiam lidar com o colonião sobrecarregando-o de gado; era preciso deixar capim sobrar, mesmo que fosse um pouco de desperdício; os bons vaqueiros sabiam regular boca de vaca, momento de entrada e saída de um pasto mesmo porque 30 dias de pousio eram o bastante para refazer qualquer manga nas décadas iniciais de ocupação. E quanto ao fogo, as queimadas eram feitas a títulos diversos: limpar as mangas de pasto dos matos daninhos ou miuças, acabar com parasitos, fortalecer o capim, dar cinzas para o gado e outras explicações tão diferentes e enfáticas que é impossível entender manejo de pasto sem um fogo constante e voraz.

Mas a maior e mais importante de todas as transformações técnicas na pecuária foi mesmo o melhoramento dos rebanhos que começou por volta dos finais do século XIX.

No começo da pecuária o rebanho era formado pelo conhecido pé-duro, curraleiro ou comum, o gado sem raça. Era muito resistente às rústicas condições da

criação já que suportava a solta, produzia largado em gerais, aguentava parasitas, calor e seca.

Apresentava, porém, grandes problemas como baixíssima produção de carne e leite, demasiado tardio, pouco fértil. O intervalo entre partos, segundo contam vaqueiros antigos, durava 36 meses; as novilhas entravam no calor por volta dos cinco anos, o boi chegava à maturidade por volta dos sete anos quando alcançava algo em torno de sete arrobas (210 quilos de peso vivo).

O zebu é um gado rústico, precoce, pesado e reúne as boas qualidades que faltam ao curraleiro. De origem indiana, divide-se em gir, nelore, guzerá e indubrasil, sendo este último resultado de apuramento genético feito no Brasil. Ele começou a ser introduzido em 1875 e no fim do século cresceram as importações por criadores do Triângulo Mineiro, no começo do outro século elas aumentaram mais e entre 1910 e 1920 ocorreu seu apogeu, a febre do zebu. Dos anos 20 em diante o zebu foi consenso e misturou-se intensamente aos rebanhos curraleiros.

### 3.6 As famílias e suas histórias

Em 1832, quando o Sudoeste de Goiás era constituído ainda de muitos espaços vazios João Crisóstomo de Oliveira e Castro e sua família transferiram-se de Ouro Preto-MG para esta região e fixaram morada em um lugar denominado Fortaleza; ali montou grande fazenda e tomou posse de vasta extensão de terras. Este desbravamento tornou-se o embrião da Quirinópolis atual.

Anos depois, juntaram-se a João Crisóstomo o Prático de medicina e ex-tenente da Guarda Nacional José Vicente de Lima, que por compra, adquiriu de João Crisóstomo grande faixa de terras. O que foi feito também por José Ferreira de Jesus que se localizou com sua família e comitiva, em um ponto intermediário, distante quarenta e poucos quilômetros do rio Paranaíba, já denominado fazenda Confusão do Rio Preto (SILVA, 2001, p. 628).

Com a chegada de mais e mais pessoas e o favorecimento de uma lei de isenção de impostos para os habitantes criadores de pagarem impostos por dez anos ocorreu a chegada cada vez maior de pessoas de Minas Gerais e São Paulo para a região.

Lei nº11 de 05 de setembro de 1838, o governo provincial isentava os habitantes e os forasteiros chegados, do pagamento de dízimos e impostos sobre a criação de gado vacum e cavalari (FONSECA, 2010, p. 287).

Em 07 de janeiro de 1843, José Ferreira de Jesus e sua mulher doaram 900 alqueires de suas terras para o patrimônio da igreja e construção de uma capela em louvor a Nossa D'Abadia. A Escritura se encontra no Registro Imobiliário da Cidade de Rio Verde sob o número 201, em data de 28 de março de 1913. Pela Resolução de número 603 de 29 de julho de 1879 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora D'Abadia.

O grande marco de arrancada para o desenvolvimento aconteceu em 1960 com a abertura dos cerrados para as grandes lavouras, basicamente de arroz de sequeiro e milho; a agricultura começou a florescer e atraiu agricultores de São Paulo e da região Sul, os quais trouxeram maquinários, tecnologias, recursos e experiências que transformaram o município no maior produtor de grãos de Goiás e um dos destaques do país. Segundo Leon Alves Corrêa (2010, p. 280):

A partir de meados da década de 1960, o município tem um acelerado processo de migração, oriundos principalmente de Estados Nordestinos (Rio Grande do Norte e Pernambuco), Minas Gerais e São Paulo, sendo este último com número reduzido, mas de forte poder econômico.

Em 2010 Quirinópolis comemorou os seus 66 anos de emancipação política e registrou em sua história gloriosas páginas de luta, trabalho e talento para vencer. Se o passado foi grandioso, o futuro se apresenta confirmando a vocação da cidade em crescer em todos os sentidos. Cada vez mais o município é atrativo para novas empresas e grandes indústrias, sem abandonar a atividade que deu início à sua história de sucesso: a agropecuária, cada vez mais moderna e tecnificada.

Um município cresce quando possui infraestrutura para acolher empresas e pessoas que chegam em busca de novas oportunidades. Por isso, Quirinópolis se destaca em relação a outras cidades. “Ela conta com mais de noventa por cento das casas ligadas à rede de água, esgoto, vias pavimentadas, energia elétrica e telecomunicações” (PREFEITURA MUNICIPAL, 2011, p. 1).

Esta estrutura constantemente está sendo ampliada para atender o crescente aumento da demanda gerada pelo grande fluxo de pessoas que migram para o município. Uma subestação da CELG fornece energia para que Quirinópolis

possa atrair cada vez mais empresas como a Haiala Metalúrgica, Usina São Francisco e Usina Boa Vista e continuar no seu ritmo crescente de desenvolvimento.

A região do sudeste brasileiro (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo) foi a mais beneficiada com a presença da Corte Portuguesa, sendo a região que mais diretamente foi afetada pelas medidas estabelecidas por D. João VI durante a sua permanência no Brasil. Com a abertura dos portos em 1808, segundo Bergad (2004, p. 77):

Aos navios de todas as nações que não estivessem em guerra com Portugal ou com a Inglaterra, foram eliminadas as restrições comerciais e retiradas quase todas as proibições impostas no período colonial, o que assinalava o princípio de uma nova fase de relativa liberdade econômica oficialmente sancionada (que contribuiu) para o crescimento significativo das exportações brasileiras já na primeira metade do século XIX.

As transformações na economia de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XIX podem ter sido determinantes para a intensificação do processo migratório de mineiros para Goiás, especialmente para o sul. As transformações econômicas associadas ao crescimento demográfico de Minas Gerais e a falta de terras nesta fizeram com que milhares de famílias se deslocassem de suas regiões em direção ao oeste e norte de São Paulo, norte e noroeste de Minas Gerais, norte do Paraná, região sul de Goiás e Mato Grosso.

Por isso, é preciso apresentar os resultados das transformações e permanências ocorridas com o incremento dos meios de comunicação e transportes no Sudoeste Goiano entre 1850-1930.

Embora o processo de colonização do Brasil caracterizasse-se desde o princípio como litorâneo, sendo que os primeiros núcleos povoadores portugueses centraram suas atividades na extração de produtos da terra, com destaque para o pau-brasil e na organização e estruturação de atividades à agromanufatura da cana-de-açúcar a interiorização do país foi lenta, mas constante.

Pois, paralelamente às principais atividades econômicas – cana-de-açúcar, mineração e café – voltados para o abastecimento do mercado internacional, desenvolveram-se as que tiveram por finalidade o abastecimento interno com destaque para a pecuária e agricultura, principalmente, de mandioca, milho, feijão e arroz voltadas para o abastecimento do mercado consumidor local e inter-regional. Estas atividades também incentivaram o processo migratório e, conseqüentemente,



a ocupação e fixação de colonos nas regiões mais interioranas e distantes do litoral, sendo responsáveis pela ampliação das fronteiras e incorporação de novas áreas e, por conseguinte, a ampliação do território que hoje conhecemos por Brasil.

Nesta perspectiva, o povoamento e a ocupação do sul de Goiás e do Triângulo Mineiro que até 1816 fazia parte do território da Província de Goiás se deram em um mesmo processo histórico. A ocupação do sul de Goiás ocorreu em um contexto marcado pela ausência de uma legislação fundiária, redução da produção aurífera em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e do crescimento da agropecuária que passou a ser a principal atividade econômica que incentivou deslocamentos migratórios para o norte, nordeste e, principalmente, para o sul provocando a ocupação definitiva de todo o território goiano no decorrer do século XIX.

As transformações decorrentes da dinâmica interna da conseqüente crise da produção aurífera, nos fins do século XVIII, e a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, estabeleceram medidas que praticamente determinaram o fim do monopólio colonial, em especial e com a abertura dos portos brasileiros criaram-se novas possibilidades para o desenvolvimento de uma produção de exportação, calcada nas grandes lavouras de café no Sudeste, sobretudo, em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, que na segunda metade do século XIX, foram responsáveis pela produção quase que integral de todo o café produzido no Brasil para o abastecimento do mercado internacional.

Além da ampliação da produção de café para o mercado externo estimulou-se a produção para o mercado interno, em especial aos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo os quais consolidaram como os estados mais populosos e dinâmicos do Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

A produção agrícola “que era uma atividade inviável começou a dar sinais de desenvolvimento, já na década de 1920, Goiás era um dos maiores produtores de cereais do Brasil (OLIVEIRA, 2006; CAMPOS, 1984; BORGES, 1990, p. 184)

A relativa dinamização das atividades produtivas em Goiás foi impulsionada pelo crescimento econômico da Região Sudeste, principalmente, das Províncias/Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro durante égide da agricultura cafeeira, implementada nestas regiões com maior vigor na segunda metade do século XIX.

O café se consolidou entre 1850 a 1930 no principal produto brasileiro da balança comercial, saltando de 18,4% na década de 1830, para 64,5% das exportações brasileiras na década de 1890. Da mesma forma, ocorreu o crescimento da expansão da estrada de ferro que saltou de 14 quilômetros de estrada em 1854 para 13.981 quilômetros de estrada construída em 1899 (BOCHI,2003,p. 84-5).

As informações mostram que ao longo de 80 anos ocorreu uma maior concentração da riqueza na região sul de Goiás, tendência que se acentuou a medida que foi se intensificando o processo de monetarização, redução das distâncias, maior dinamização das atividades produtivas e gradativa consolidação de uma cultura de consumo e mercado.

Por ser tratar de uma região tipicamente agrária além dos investimentos em melhorias de infraestrutura das propriedades, a valorização da terra em Goiás está associada também a três fatores determinantes: em primeiro lugar, pela crise do regime escravista de trabalho; em segundo lugar, pela melhoria dos meios de comunicação e transportes a partir de 1870, primeiramente com a estrada de Goiás a São Paulo e, posteriormente, com a interiorização dos trilhos da estrada de ferro que chegou na década de 1890 no Triângulo Mineiro e, em 1912, à cidade de Catalão-GO; em terceiro lugar, o crescimento demográfico da região sul de Goiás, impulsionado pela migração de mineiros que deste período eram originários do Triângulo Mineiro; os mesmos que foram empurrados pelo esgotamento das terras disponíveis na região em decorrência da expansão da marcha do café, e foram forçados a migrar no sentido oeste em busca de novas terras adquiridas por meio da posse ou compra a preços mais modestos que em suas cidades de origem. Segundo Maria de Sousa França (1975, p. 89)

Entre os anos de 1870 e 1890, os municípios que tiveram maior incremento nos seus efetivos populacionais foram: Morrinhos (207,3%), Piracanjuba (201,6%), Curralinho (65,1%), Rio Verde (72,4%) Entre-Rios (66,2%), Jataí (62,5%) e Jaraguá (53,3%). Todas as demais circunscrições municipais da região apresentaram crescimento inferior a 50%.

Entre os anos de 1870 e 1910:

A cidade de Morrinhos encontrava-se em uma posição privilegiada, pois beneficiava-se de duas estradas que ligava Goiás ao Sudeste. A estrada do sul, de Anicuns, seguia pela Vila do Alemão (atual Itaberaí) e daí a Vila Bela. Uma interligação entre a estrada do sul e a estrada de sudeste, partia de Bonfim e chegava também a esta Vila. Esta posição privilegiada fez de

Morrinhos um centro comercial importante, ligando todo o sul de Goiás ao Triângulo Mineiro e daí à capital do Império (LUZ, 1982, p. 76).

Também devem ter ocorrido significativas somas de investimento em infraestrutura nas propriedades rurais e isto associado à interiorização da estrada de ferro via São Paulo podem ter contribuído para uma maior valorização da terra; esta tornou-se um negócio muito lucrativo diante das expectativas de crescimento da economia do Estado de Goiás, sobretudo, nos primeiros anos da República.

A Guerra do Paraguai (1865-1870) pode ter estimulado o crescimento econômico da região que acabou se destacando na criação de gado, atividade que pode ter sido incentivada com a guerra platina, uma vez que Goiás ficou incumbido do abastecimento de gêneros alimentícios das tropas brasileiras acampadas na Província de Mato Grosso. Nas décadas seguintes percebe-se um decréscimo no volume de transações de compra e venda de terras tanto em Goiás como em Rio Verde.

Em decorrência da crise da escravidão o escravo deixou de ser um negócio atrativo aos investidores e a terra, ao contrário, com a iminente inserção do Sul de Goiás à região sudeste via estrada de ferro tornou-se uma mercadoria que recebeu um volume significativo de investimentos visando a um lucro especulativo com a notável possibilidade de valorização das propriedades rurais que acompanhavam o ritmo da penetração dos trilhos da estrada de ferro nos sertões do Brasil.

Deslocaram do Aterrado, região hoje conhecida pelo nome de Ibiraci, Sul de Minas. Isso deu-se a há mais ou menos um século. Residiram por vários meses no município de Uberaba, lugar denominado Santa Gertrudes, isso por volta do ano de 1886. Passaram depois para Goiás, o casal chefe e 4 (quatro filhos) casados, com as respectivas famílias... Esse pessoal entrou na região Sul do Estado, e foi ter a uma localidade chamada Capelinha, distrito de Rio Verde – Atual Quirinópolis. Habitavam aí esparsos fazendeiros... Os proprietários que existiam neste lugar, antes da chegada da famílias Corrêa eram os seguintes: José Vicente Pereira Ramos; Quintiliano Leão; Manoel Domingos; Francisco Rosa; Nicolau Alves Tolentino; José Lázaro Nogueira Antônio Dias; José Rodrigues da Silva e José Martins Nogueira. Todos moravam em lugares distantes uns dos outros (CORRÊA, 1957, p. 3)

Esse crescimento no volume das transações e de dinheiro aplicado na compra de terras na década de 1890 também não deixa de estar relacionado ao crescimento do volume de papel moeda que passou a entrar circulação durante o Império e, sobretudo, nos primeiros anos da República com o encilhamento.

Ao contrário da década de 1890, nos primeiros dez anos do século XX, presenciou-se uma depreciação nos preços das terras e do gado em cerca de 30%, provavelmente, decorrente das medidas deflacionistas a partir do governo de Campos Sales (1898-1902) (OLIVEIRA, 2006).

### 3.6 Algumas considerações sobre Quirinópolis

O século XX é um marco no processo de ocupação e apropriação do cerrado goiano, pois o mesmo que era até então caracterizado por uma ocupação rural e atividade produtiva de pecuária extensiva e agricultura de subsistência entrara na lógica capitalista de produção. Assistem-se, então, a partir de 1930 - com a política de integração do governo Vargas à ocupação do cerrado goiano como uma prioridade nacional, inserida num projeto que, no âmbito regional, buscava articular as regiões produtivas do Estado de Goiás, principalmente as regiões sul e sudoeste e, no âmbito nacional buscava adequar o país a um novo ritmo de produção capitalista. Sendo assim, a apropriação e ocupação do Cerrado, neste período, dá-se de maneira planejada e com interesses e funções políticas e econômicas bastante definidas. Era o Brasil integrando o sertão ao litoral, por meio da Marcha para o Oeste. Era a possibilidade de modernização de Goiás que poderia sair do “adormecimento” e tornar-se o “coração do Brasil”.

Para que esse projeto se viabilizasse, inúmeros foram os recursos usados desde acordos políticos, econômicos a campanhas publicitárias que tinham como objetivo difundir a necessidade de modernização. O novo era o caminho. Para isso, nada melhor que um projeto arrojado e moderno que vislumbrasse a integração e o desenvolvimento. O Goiás das “Tropas e Boiadas”, de Hugo de Carvalho Ramos, deveria se render ao traçado de Versalhes, de Atilio Correia Lima.

Essas transformações que tiveram como objetivo principal tornar o Cerrado produtivo e lucrativo alterou de forma significativa a configuração socioespacial do território goiano. A terra, que até então era considerada “de baixa produtividade”, com os incrementos técnicos científicos (calcário, máquinas agrícolas de últimas gerações, pivôs e outros) se transformou em sinônimo de produtividade e, conseqüentemente, um “paraíso” para a implantação do agronegócio (grandes plantações de grãos e, mais recentemente, da cana-de-açúcar). Vale ressaltar os subsídios e as facilidades propiciadas pelos governos estadual e federal, em

especial a partir da segunda metade do séc. XX, por meio de linhas de créditos específicas.

A transformação do espaço rural em agrícola mecanizado em um período histórico tão curto gerou impactos econômicos, sociais, culturais e ambientais que hoje podem ser claramente percebidos. Pode-se dizer que o Cerrado Goiano, hoje, presencia vários tempos em um mesmo espaço.

Neste sentido pode-se afirmar que o cerrado goiano é um território em disputa. Estudar o seu processo de ocupação e apropriação é perceber que existem divergentes e diversas forças em movimento. O conceito de produtivo ou improdutivo instaurado no seio da sociedade normalmente está carregado de símbolos, signos, significados e significantes e que, por conseguinte, não nascem do esmo. E, ao surgirem, se disseminam por toda a sociedade como uma verdade absoluta e única. Enfim, as contradições e desigualdades proporcionadas pelo modo de produção vigente estão nítidas em sua paisagem.

No século XIX a agroindústria se desenvolveu timidamente e de maneira artesanal: carnes de sol, aguardente, rapadura, açúcar de forma e outros eram transportados em lombo de burros e mulas pelos tropeiros e nos carros de bois pelos carreiros. Na segunda metade do século XIX houve maior diversificação de espécies de vegetais. “Destacando-se em 1861 a produção de algodão, usado para tecelagem, o cultivo do trigo, de fumo, de mamona, de café, de arroz, milho e feijão” (CORREIO OFICIAL – GOIÁS, 28/09/33, apud NOGUEIRA, 1980, p. 44).

A formação sociocultural de Quirinópolis se deu na base de valores da gropecuária e das famílias que vieram habitar a região devido às grandes extensões de terras devolutas. Essas famílias apossaram de vastas terras que estão na base da formação sub-regional do município e em cada gleba ditavam normas e costumes que permaneciam.

Lamounier (2000) explica as ações e os interesses que levaram o governador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, a convidar o então Presidente da República, Getúlio Vargas, a fazer um sobrevôo na região do Vale do Araguaia e este ao ver uma vastidão de florestas cortadas por rios imensos, concluiu abismado: "É o banco do Brasil Central".

Ainda Lamounier (2000) afirma que para mudar essa realidade o presidente encarregou o Ministro da Coordenação de Mobilização Econômica, João Alberto Lins de Barros, de promover a interiorização do Brasil. Assim nasceu a Fundação

Brasil Central - FBC. Em seguida, foi anunciada a criação da Expedição Roncador-Xingu, cujo objetivo era ser ponta de lança do avanço progressista com a função de mapear o centro do país e abrir caminhos que ligassem a região ao resto do país.

A criação da Fundação Brasil Central foi o começo de uma série de medidas do governo federal com vistas ao povoamento e desenvolvimento econômico do Centro-Oeste brasileiro. O povoamento e desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro foram feitos a duras penas, principalmente aos povos indígenas que, em algumas regiões, foram dizimados e suas terras ocupadas por grandes latifundiários.

A Fundação Brasil Central existiu por quase 25 anos, sendo extinta já no regime militar quando a ação intervencionista dos militares passou a se concentrar em Superintendências substituindo a Fundação Brasil Central pela Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO), criada em dezembro de 1967.

Historicamente, o padrão de intervenção da SUDECO no Centro-Oeste se pautou pelo apoio à atividade agropecuária, o que resultou numa mudança significativa no perfil econômico dessa região.

O agronegócio brasileiro possui a mesma dinâmica dos demais setores da economia do país, alcançando grande participação no PIB (Produto Interno Bruto), sendo um dos maiores responsáveis pelo superávit da balança comercial promoção do desenvolvimento do país.

Dentre os fatores que contribuíram para a expansão do agronegócio no Brasil, a partir de 1960, conforme Roessing e Guedes (1993, p. 143) destacam-se:

- a) Oferta de crédito subsidiado para investimentos e custeio que vigoraram até o início da década de 1980, contribuindo para expressivas mudanças a nível tecnológico;
- b) Garantia de preços mínimos para comercialização;
- c) Criação do programa de garantia da atividade agropecuária (PROAGRO);
- d) Ampliação da capacidade de armazenagem de grãos;
- e) Criação de centrais de abastecimento;
- f) Implantação dos chamados corredores de exportação, contemplando instalações de armazenagem, meios de transporte e ampliação do sistema portuário;
- g) Racionalização e fortalecimento dos sistemas de pesquisa e extensão.

De acordo com a literatura essa expansão foi e ainda é muito polarizada, ocorrendo de formas pontuais em determinadas regiões do país. Um bom exemplo dessa polarização é o desenvolvimento da região sudoeste de Goiás e segundo

Pereira (2001) foi baseada em uma política específica que atuou na região, denominada POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados).

Este programa foi instituído pelo Decreto nº 75.320 de 29 de janeiro de 1975, cujo objetivo principal baseava-se na concepção de pólos de desenvolvimento. A principal meta desta política era incorporar ao processo produtivo da agropecuária, no período compreendido entre 1975 e 1979, cerca de 3,7 milhões de hectares de cerrados, dos quais 1,8 milhões com lavouras, 1,2 milhões com pecuária e 0,7 milhões com florestamento/reflorestamento.

Para isso, foram definidas 12 áreas de atuação. Em Goiás foram selecionadas duas regiões: Piranhas e Rio Verde, ambas localizadas na região do sudoeste goiano, segundo a FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1985, p. 56).

A incorporação induzida pelo Programa no Centro-Oeste foi de 2,06 milhões de hectares e o Estado de Goiás, regiões de Piranhas e Rio Verde, ficaram com 42,3% desse total, perfazendo um total de 871.380 hectares, com 69,7% da área sendo incorporada para agricultura.

Pelo exposto verifica-se que o município de Rio Verde, localizado a 430 km da capital federal e a 220 km da cidade de Goiânia, está inserido diretamente no contexto do agronegócio e segundo dados do IBGE divulgados em 2004, o município ocupa a segunda colocação em quantidades produzidas de soja, no estado de Goiás, com volume de 609.178 toneladas produzidas, além de estar inserido no complexo carnes com presença de diversas empresas, com destaque para a Perdigão Agroindustrial S/A.

Embora em Quirinópolis houvesse intervenções da SUDECO é válido esclarecer que a história da região Sudoeste de Goiás difere das demais regiões goianas, pela forma independente com que alavancou seu desenvolvimento como afirma Ribeiro (2010, p. 1):

A região cresceu isolada do contexto da Província, que saiu de um ciclo de prosperidade - o Ciclo do Ouro - e mergulhou em uma profunda crise econômica, que duraram 100 anos. Nesta época ocorreu a ocupação do Sudoeste Goiano, que se desenvolveu sustentado pela criação de gado e pela oportunidade de sua comercialização nas regiões de origem dos produtores, o vizinho Triângulo Mineiro e Oeste de São Paulo, bem mais desenvolvidas. O Sudoeste Goiano cresceu com a acumulação de capital sob poder de grandes proprietários rurais, o que fez surgir poderosos

coronéis, como Antônio Rodrigues Pereira e Jacinto Honório da Silva, na região do Distrito de Quirinópolis, em Rio Verde, que movimentavam a economia da região, comprando gado de pequenos criadores, inclusive em terras mato-grossenses.

A agricultura na região surgia como uma atividade de subsistência e auxiliava na formação de pastagens e na abertura de fronteiras para a pecuária extensiva de corte.

Assim, tomaram lugar as lavouras de arroz de sequeiro, cuja produção era comercializada em Uberlândia, tida como capital econômica da região. Com a modernização da agropecuária e a conquista tecnológica dos cerrados, a partir da segunda metade do século passado, houve substituição da monocultura do arroz, até então dominante, pela pluriatividade agrícola, com grãos, oleaginosas e outras culturas, que logo se expressava em termos de seguidas supersafras (RIBEIRO, 2010, p. 1).

Junto à lavoura de arroz vieram as novas tecnologias e novas famílias que transformaram o modo de produção e utilizaram novo método: a grande lavoura comercial e modificaram a produção de subsistência que até então permanecia na região, como afirma Ecléia Bosi (1992, P. 17):

O arrozal em Goiás despojou o pequeno lavrador. Avançando, destruiu sua roça, derrubou a mata, extinguiu a caça e a lenha, secou o olho d'água, invadiu seu cercado de galinhas e criações, formas de vida incompatíveis com a monotonia exclusiva do arroz.

O Sudoeste Goiano tornou-se, então, pólo de atração de projetos agroindustriais que demandam grande quantidade de matérias-primas como grãos, frangos e suínos, o que tem levado o uso intenso das terras de seus municípios.

Ainda na região Sudoeste, Quirinópolis também transformou-se em um pólo de atração de Agroindústrias Sucroalcooleiras. Segundo o IBGE a área ocupada por Quirinópolis é de 3.787 km<sup>2</sup>. Sua população é de 43.220 habitantes e a sua produção agropecuária pode ser vista na tabela abaixo



Tabela 06 Principais produtos agrícolas - (2004)

Culturas Temporárias	Área(ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
Arroz	800	1.440	1.800
Algodão	1.000	2.220	2.220
Feijão	250	600	2.400
Milho	8.000	44.000	5.500
Soja	37.000	66.600	2.700
Sorgo	3.520	7.850	2.700
Cana-de-açúcar	50.000 (expansão)	100	

\* Safra e safrinha / \*\* 1ª e 2ª Safras

Fonte: IBGE/ 2008.

Primeira atividade econômica do município a pecuária é ainda um importante setor para a economia local. O constante melhoramento genético do rebanho faz com que Quirinópolis seja uma referência do setor no Estado.

A qualidade do gado do município faz com que tenha a maior produção de leite de Goiás e praticamente toda a produção é comercializada no próprio município, o qual conta com quatro grandes laticínios e outros de menor porte.

Outros tipos de criações de animais também têm apresentado acelerado crescimento na região como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 07 Efetivo animal e produção do setor pecuário - (2004)

Espécies	Cabeças
Bovinos	336.245
Suínos	91.000
Aves	1.220.000
Equinos	2.500
Peixes	3.300
Leite	130.000 Litros/Dia
Ovos	3.455.000 dz./mês

A pecuária eleva sua produtividade por meio de confinamentos. O padrão de desenvolvimento das atividades agrícolas e o inter-relacionamento das cadeias

produtivas como soja, cana-de-açúcar, milho, sorgo granífero, algodão, tomate, girassol, pecuária de leite e corte gera aumento da produção e da produtividade.

Analisando a produção goiana de leite por microrregião pode-se observar que a maioria apresentou crescimento entre 2001 e 2003; neste ano a microrregião com maior representatividade foi a de Meia Ponte com 14,3%, seguida do Sudoeste Goiano, com 11,8%, e Ceres com 8,3%. No entanto, as microrregiões de Ceres, Goiânia, Vale do Rio dos Bois e Pires do Rio apresentaram porcentagem de crescimento negativo, com **-3,8%**, **-1,4%**, **- 7,3%** e **-3,2%**, respectivamente (Tabela 07). O município de Piracanjuba deteve 3,5% do total da produção leiteira, com 84 milhões de litros anuais e a produção total dos 10 municípios maiores produtores giraram em torno de 21,3% do leite goiano (tabela 2, p.07).

Tabela 08 Produção de leite por microrregião – 2001 a 2003

Microrregiões	Produção - Mil Litros			Evolução 2001-2003	Microrregiões	Produção - Mil Litros			Evolução 2001-2003
	2001	2002	2003			2001	2002	2003	
Meia Ponte	329.060	335.730	359.649	<b>9,30%</b>	Vale do Rio dos Bois	131.832	132.688	122.218	<b>-7,29%</b>
Sudoeste	267.831	296.913	297.384	<b>11,03%</b>	Pires do Rio	103.701	97.936	100.394	<b>-3,19%</b>
Ceres	218.580	236.645	210.209	<b>-3,83%</b>	Anicuns	94.732	97.606	98.655	<b>4,14%</b>
Quirinópolis	122.979	142.483	180.254	<b>46,57%</b>	Rio Vermelho	87.048	94.353	97.490	<b>12,00%</b>
Porangatu	154.648	176.654	179.973	<b>16,38%</b>	Aragarças	66.590	68.100	72.200	<b>8,42%</b>
Anápolis	174.934	174.500	176.495	<b>0,89%</b>	São Miguel do Araguaia	44.216	69.351	70.812	<b>60,15%</b>
Entorno de Bsb	147.391	160.813	164.815	<b>11,82%</b>	Iporá	66.168	67.718	68.103	<b>2,92%</b>
Goiânia	143.580	146.154	141.610	<b>-1,37%</b>	Vão do Paranã	37.571	38.294	38.641	<b>2,85%</b>
Catalão	118.959	133.834	131.256	<b>10,34%</b>	Chapada dos Veadeiros	11.921	13.595	12.891	<b>8,14%</b>

Fonte: IBGE - 2003  
Elaboração: SIC/SUPEX – 2005

Favorece o desempenho da produção agroindustrial do sudoeste goiano e em especial do município de Quirinópolis a existência de rodovias federais e estaduais, que cortam o Sudoeste em direção aos grandes centros consumidores e aos principais portos do litoral na região Centro-Sul. O potencial logístico inclui a Hidrovia Paranaíba-Paraná-Tietê e a Ferronorte em vias de estalação. Os grandes grupos sucroalcooleiros da região investem na viabilização de um alcooduto que servirá a toda a região produtora de etanol. Ainda deve ser ressaltada como ponto

forte em favor do desenvolvimento regional a grande disponibilidade de mananciais hídricos para irrigação.

O Sudoeste possui potencial para o desenvolvimento do turismo, como o de aventuras ou ecoturismo pela existência de grande lagos, parques naturais, belas cachoeiras, águas termais, cavernas com registros milenares da arte humana e, ainda o agroturismo em propriedades e empreendimentos que bem representam o alto desenvolvimento tecnológico da agropecuária regional. A existência de grande lagos favorece a expansão da aquicultura.

Em Quirinópolis avança a produção de energia limpa e renovável, por meio da coogeração e pela queima do bagaço da cana-de-açúcar que já propiciam suporte energético para o seu desenvolvimento, além da multiplicação de pequenas centrais hidrelétricas em diversos mananciais hídricos de todo o sudoeste.

A implantação prevista da Ferrovia Norte Sul oportunizará o surgimento de uma nova logística de transportes, com integração rodovia-ferrovia-hidrovia; ela interligará os portos do Atlântico, no litoral Leste e Norte do país, além de dar origem a novos pólos industriais e complexos de logística nas cidades em que instalará seus pátios de transbordo. Por tudo isso, espera-se ainda a elevação das intenções de investimentos privados, mormente em empreendimentos sucroalcooleiros, indústria de alimentos, serviços, que conforme levantamentos da Sepin/Seplan chegam aos 5,3 bilhões de reais até 2013.

O Sudoeste Goiano pode se desenvolver ainda mais sua pujante economia, através da superação de alguns entraves existentes, como infraestrutura e logística de transportes e armazenamento da produção agrícola, para alcançar a máxima produtividade, sem abrir novas áreas de cerrado e sem agressões ao meio ambiente. Espera-se maior apoio à universidade, entidades oficiais de proteção ao meio ambiente, organizações não governamentais, para conscientização e acompanhamento das atividades produtivas, com vista a garantia de sustentabilidade, preservando o bioma e o meio ambiente, para as futuras gerações. Do mesmo modo, espera-se que a população residente possa usufruir deste desenvolvimento, com oferta de mais empregos, disponibilidade de mais vagas para a capacitação profissional, maior remuneração do trabalho, melhor qualidade de vida e oportunidades para todos (RIBEIRO, 2010, p. 1).

Mas o que pode ser observado é a expansão da agroindústria em Goiás que se caracteriza pela alta competição de terra e favorecendo o arrendamento de grandes áreas para a cultura da cana-de-açúcar para a agroindústria canavieira. E este movimento demonstra que a expansão desta agroindústria em Goiás se dá

dentro dos mesmos moldes das demais regiões tradicionais neste cultivo, ou seja, com movimentos de concentração fundiária e exclusão de culturas.

Os resultados apontam para uma concentração fundiária em Goiás, principalmente na região do Sudoeste de Goiás, nas culturas de soja e cana-de-açúcar e a exclusão de culturas como arroz, feijão e, mais recentemente, o milho. Ressalta-se que a cultura da soja tem sido substituída no município de Quirinópolis pela cultura da cana-de-açúcar. Nota-se ainda que a expansão das agroindústrias canavieiras em Goiás herdou o mesmo modelo das regiões tradicionais com a expansão alicerçada no controle da matéria-prima, seja via arrendamento ou compra da terra. Neste contexto, as instituições representativas de produtores agrícolas de Goiás e das associações de fornecedores de cana-de-açúcar buscam a construção de um novo modelo com a participação dos produtores rurais. As pesquisas apontam que as percepções das instituições representativas indicam a existência de dois modelos: um mais antigo, classificado como predador, caracterizado pela concentração fundiária comandado pela agroindústria canavieira e um novo modelo alicerçado na figura do fornecedor, por isso, gerador de maiores efeitos multiplicadores em comparação ao modelo antigo. Infere-se que deve haver aprofundamento da pesquisa sobre os efeitos da expansão deste setor em Goiás e adoção de análises setoriais para o entendimento da dinâmica e das estratégias que as empresas têm optado em um ambiente altamente competitivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização do espaço apresenta-se na região e no lugar como reflexo da política econômica e suas consequências sociais pela atuação do homem no meio, transformando-o para que possa viver e produzir. Entretanto, é preciso a tomada de consciência por parte de seus ocupantes pelo fato de serem eles os depositários e responsáveis por um patrimônio que deverão utilizar para atender às necessidades econômicas futuras. É o conhecimento voltado para a ação do homem com a natureza que cria e reproduz o lugar.

Dentro de todos os aspectos abordados ao longo desta pesquisa ficaram evidentes diversas peculiaridades tanto locais quanto estaduais e nacionais. Mesmo observando Quirinópolis a partir de uma especificidade observa-se aqui que ele continua inserido em um contexto amplo que se soma ao contexto nacional, ou seja, ao processo em que o Brasil passava e continua passando.

A partir da bibliografia pesquisada e discutida, bem como demais fontes de pesquisa, observou-se que os trabalhadores no Brasil sempre tiveram que encontrar brechas ou utilizaram de brechas na lei para sobreviver a partir de seu trabalho e do seu cotidiano, pois as terras no Brasil foram divididas para grandes proprietários, primeiramente capitâneas e posteriormente sesmarias, perfazendo assim a cultura do latifúndio no território brasileiro. Sem estar no limiar das brechas era impossível a ocupação do vasto território brasileiro por outros trabalhadores, ou melhor, por pequenos proprietários, os chamados desbravadores. E é justamente neste contexto que Quirinópolis se insere no processo de ocupação do interior do Brasil por trabalhadores que adentravam o território em busca de terras para trabalharem e viverem.

Frente a todas essas informações Quirinópolis apresenta-se dentro de um contexto nacional de ocupação, porém apresenta-se de maneira particular na forma de ocupação. Isso fica latente ao se observar que a cidade nasceu, não de um desenvolvimento lógico, mas de um desenvolvimento intencional em que houve a reta intenção de se construir um povoado a fim de dar suporte às propriedades rurais com mão de obra próxima à sua sede.

É com esta doação de uma área para a igreja que percebemos uma especificidade de Quirinópolis, pois primeiro se constrói uma capela primitiva, onde passa acontecer todos os atos religiosos e junto a ela reserva-se um espaço para o cemitério. Só depois é que aparecem os primeiros moradores.

Essa intencionalidade também pode ser comprovada inclusive na grande quantidade de convites a pessoas e famílias para aqui morarem, além da grande quantidade de adjetivos atribuídos a todos os migrantes que chegaram a Quirinópolis nos primeiros tempos de sua formação como espaço urbano.

Apesar da construção da cidade, percebemos que a pecuária e práticas socioeconômicas aqui praticadas criou um universo sertanejo que foi desenvolvendo de maneira poética o modo de vida e a realidade do homem do Sul Goiano, suas tradições, costumes e imaginário neste mundo rural que se delineou. Destas práticas socioeconômicas firmou-se no imaginário até mesmo dos cidadãos as formas de vida do vaqueiro e seu mundo

A festa mais importante do município é a festa do Peão de Boiadeiro, onde acontece na abertura oficial um desfile em que a população comparece paramentada e organizada em grupos uniformizados, como demonstra as fotos 05, 06, 07,08. Inclusive com crianças montadas em seus pôneis, garantindo assim a sua tradição. Sem falar que na abertura do rodeio, acontece o rodeio mirim, onde crianças montam em carneiros e bezerros.

Criou-se o universo sertanejo que foi desenvolvendo de maneira poética o modo de vida e a realidade do homem do Sul Goiano, suas tradições, costumes e imaginário neste mundo rural que se delineou.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAD, Laird W. *Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BOCHI, João Ildebrando. *Século XIX: Renascimento agrícola, economia cafeeira e industrialização*. In. REGO, José Márcio; MARQUES, Rosa Maria (Orgs.). *Formação Econômica do Brasil*. Saraiva, São Paulo: 2003.

CORRÊA, Francisco, *Árvore Genealógica da Família Corrêa*, 1957

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Miniaurélio Século XXI: *O minidicionário da Língua Portuguesa*, 5ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANÇA, Basileu Toledo de. *O Sudoeste: tentativa de interpretação*. In. Revista do Instituto Histórico e geográfico de Goiás. O Popular: Goiânia, Ano 06 N.º07, junho/1978.

FRANÇA, Maria de Sousa. *Povoamento no Sul de Goiás: estudo da dinâmica da ocupação espacial*. Dissertação de Mestrado apresentado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás em convênio com a Universidade de São Paulo: Goiânia, UFG, 1975.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Perfil sócio econômico do estado de Goiás*. Goiânia: Secretaria do Planejamento e Coordenação, 1985.

GOMES, Horieste. *Geografia sócio-econômica de Goiás*. Livraria Central Editora: Goiânia, 1969.

GOMES, Horieste; NETO Antônio Teixeira. *Geografia: Goiás/Tocantins*. CEGRAF/UFG: Goiânia, 1993.

GUTIERREZ, Horácio. *Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná*. Estudos Econômicos, v. 17, n. 2, p. 297-314, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque; CAMPOS, Pedro Moacyr. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II – O Brasil Monárquico; 6.º Volume: Declínio e queda do Império. 4.ª ed São Paulo: 1985.

HOLANDA; Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1956.

IBGE. *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola*, Outubro/2004. Disponível: PELÁ, Márcia e CASTILHO Denis, *Cerrado goiano: contradições e desigualdades no processo de ocupação*. Territorial – Ano 1 nº 1, Junho de 2009.

LAMOUNIER, Bolívar. *Análise de políticas públicas: quadro teórico-metodológico de Legislação FCO. FNE. FNO. Local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LIMA, Hildebrando, e Gustavo Barroso, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1957.

LUZ, Maria Amélia de Alencar. *Estrutura Fundiária em Goiás: consolidação e mudanças – 1850-1910*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 1982.

Meia Ponte. *Estudos básicos*. Vol I. Estado de Goiás Secretaria do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e Habitação. Superintendência de Gestão e Proteção Ambiental. Metais De Goiás S/A – Metago: Goiânia, 1999. p.182

OLIVEIRA, Hamilton Afonso. *A Construção da Riqueza no Sul de Goiás, 1835-1910*. Tese de Doutorado. UNESP: Franca-SP, 2006.

PEREIRA, S. L. *Alterações estruturais na economia goiana e do sudoeste de Goiás no período dos anos 80/90*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFU, 2001.

ROESSING, A. C. & GUEDES, L. C. A. *Aspectos econômicos do complexo da soja: sua participação na economia brasileira e evolução na região do Brasil Central*. In: *Cultura da soja nos Cerrados*. Piracicaba, SP, Potafós. 1993, p.1-51.

SILVA, Antônio Moreira da, *Dossiê de Goiás*, Goiânia: Master Publicidade, 2001.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes, *A Expansão do Povoamento em Goiás Século XIX*, Goiânia: 1991. (Dissertação de Mestrado).

## DOCUMENTOS

LEÃO, Hélio Campos. História de Quirinópolis em versos rimados. In. MUSEU MUNICIPAL DE QUIRINÓPOLIS, 2010.

Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis, nº.1.



Livro de Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis, nº.2.

Mapa do Município de Quirinópolis - GO – Legenda das Regiões.

MATOS, Georgides de Souza. Histórico da Cidade: informações gerais de Quirinópolis. Secretária Municipal de Educação. 2000.

## **FONTES**

COSTA Lino, Depoimento [jan 2011]: Entrevistador: P.C. Neves. Quirinópolis: 2011. 2:30 minuto.

FERREIRA, Sebastião Marcolino Ferreira. Depoimento [dez.2011]: Entrevistador: P.C. Neves. Quirinópolis: 2011. 2:00 Hs.

ANDRADE, V. Vicensa Andrade. Depoimento [jun 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 47 minutos.

CAMPOS, L. Lauro campos. Depoimento [dez.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 2:30 minutos.

CASSIANO, J. José Cassiano. Depoimento [Jan.2011]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minutos.

FERREIRA, J. F. Horton José Ferreira, Nego tulica. Depoimento [Nov.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 40 Minutos.

FERREIRA, M. F, P. Maria de Fátima Passos Ferreira. Depoimento [dez. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minuto.

JÚNIOR, J. R. S.. Pe. Jaso Ribeiro da Silva Junior. Depoimento [mar. 2007]. Entrevistador: W. L. Andrade. Quirinópolis: 2007. 12 minutos. In: Anais do 1ª Encontro do GT Nacional de História ANPH. 2007.

MATOS, G. S. Georgides de Souza Matos. Depoimento [mar. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 15 minutos.

NOGUEIRA, J. L. José Lázaro Nogueira. Depoimento [jan. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.

RIBEIRO, A. A. Alvaro Alves Ribeiro. Depoimento [dez.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 1:30 minutos.

SANTOS, F. S. Francisca Suliano dos Santos. Depoimento [abril. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 30 minutos.

SILVA, P. B. Paulo Benedito da Silva. Depoimento [Nov.2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis. 39 minutos.

VITINHA. Maria Aparecida Neves. Depoimento [jun. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 27 minutos.

VITORINO, S. Sebastião Vitorino. Depoimento [jun.2010]. Entrevistadora W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.

VITORINO, W. B. Waldemar Barcelos Vitorino. Depoimento [abr. 2010]. Entrevistadora: W. S. Nogueira. Quirinópolis: 2010. 45 minutos.

## **WEBGRAFIA**

IBGE, *Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais*. Acesso em 11 de outubro de 2008.

USINA SÃO FRANCISCO, *Sala de Imprensa, 2011*. Disponível em: <http://www.usj.com.br>, acesso em 09 de set .2001.

USINA BOA VISTA, [http://www.mzweb.com.br/saomartinho2009/webconteudo\\_pti.asp](http://www.mzweb.com.br/saomartinho2009/webconteudo_pti.asp) Acesso em 09/09/2011.